



★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

# ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, OUTUBRO DE 2016 - ANO XXXV, NÚMERO 6

## PERIGOS DO LIXO NO MAR

**Resíduos geram  
problemas de saúde  
e afetam produção  
de alimentos**

**Páginas 8 e 9**

### **Lira Neto**

**Biógrafo discute a época e as principais medidas de Getúlio Vargas na Presidência Pág 4 e 5**

### **Internet**

**Músicos catarinenses divulgam seus trabalhos pelo Youtube e conquistam admiradores Pág 6 e 7**

### **Escravidão**

**Repórter experimenta ficar duas semanas sem usar produtos feitos com trabalho forçado Pág 14 e 15**

**N**a edição deste mês, damos enfoque a uma matéria sobre os efeitos do lixo marinho na saúde pública, porque acreditamos que é preciso discutir como isso pode prejudicar os moradores de Florianópolis. Você também pode acompanhar uma entrevista com Lira Neto, que conta como é o processo de desenvolvimento de uma biografia e compara a situação política da Era Vargas com a atual.

Durante a reunião de pauta do *Zero*, a ideia que mais animou a equipe foi a de produzir uma reportagem sobre o uso de bens fabricados com trabalho escravo. Por isso, um de nossos repórteres tentou ficar duas semanas sem utilizar nenhum produto que fosse feito com este tipo de mão-de-obra. O resultado dessa experiência pode ser conferido nas páginas 14 e 15.

A representatividade feminina continua ganhando destaque nas edições do *Zero* por acreditarmos que mulheres merecem

mais espaço dentro e fora do jornalismo. Assim, trazemos a história de quem passou ou está passando por transição capilar em busca de autoafirmação. Também temos uma matéria sobre os anticoncepcionais, que representaram a libertação feminina na década de 1960, e que agora estão deixando de ser usados devido aos riscos que representam para a saúde.

Para valorizar a cultura catarinense, trazemos duas reportagens especiais: uma sobre músicos que divulgam seus trabalhos no YouTube e outra a respeito de filmes produzidos no estado. Aproximando-nos da realidade da UFSC, discutimos quais são as dificuldades que estudantes que têm filhos enfrentam para ocupar espaços dentro da universidade e concluir seus estudos. Também apresentamos reportagens sobre Áreas de Preservação Permanente (APPs) no Norte de Florianópolis e histórias de pessoas que possuem autismo. **Boa leitura!**

OMBUDSMAN



*Luiza Bodenmüller é formada pela Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina e especialista em Política e Relações Internacionais pela FESPSP. Foi editora online na Agência Pública de Reportagem e Jornalismo Investigativo, editora de blogs no HuffPost Brasil, consultora de comunicação na Rede Justiça Criminal e relações externas no Centro de Referência para Refugiados.*

**A** pesar da qualidade na escolha das pautas para a edição de setembro de 2016 do *Zero*, a leitura deixou clara a necessidade de criação de um Manual de Redação e de uma edição e revisão mais criteriosa. “Governo federal”, por exemplo, está grafado de diferentes formas. O que pode ser visto como preciosismo, na verdade fala do estilo do jornal, daquilo que o caracteriza de forma subjetiva – por meio de uma padronização técnica e objetiva, que faz o leitor passar os olhos

sobre o texto e dizer “esse é o *Zero*”. Fica, portanto, a sugestão e o desafio aos alunos e professores do curso pela padronização da redação do jornal – incluindo a adequação ao Novo Acordo Ortográfico. A questão da edição também se coloca no *Zero* de setembro, sob dois aspectos. O primeiro, pelo simples encadeamento de reportagens, que não respeita nenhuma organização lógica. Seria muito mais proveitoso conduzir o leitor por páginas pensadas a partir das editoriais clássicas de um jornal, agrupando as matérias por afinidade de conteúdo. Outro é a falta do olhar apurado e a contribuição valiosa do(a) editor(a) em reportagens como aquelas dedicadas às mulheres no mercado da tatuagem e aos paratletas. No primeiro caso, por exemplo, as repórteres poderiam ter explorado a ocasião da Expo Tattoo para problematizar a diferença – ou a falta delas – entre ser tatuado por uma mulher ou por um homem sob a perspectiva dos maiores interessados: o consumidor. Entendo que os personagens são as tatuadoras, mas por que não ouvir, também, os (as) tatuados (as)? Isso só enriqueceria a discussão.

No segundo caso, o texto fica no lugar-comum de retratar os paratletas sob o viés da superação, quando tal condição é inerente a qualquer atleta, não só aos paras. Explorar esse discurso, jornalisticamente, é reducionista e corre-se o risco de retratar os personagens com um certo “coitadismo”, que

é justamente contra o qual os portadores de deficiência lutam diariamente. O documentário ‘Paratodos’, por exemplo, traz essa luta para mostrar que os paratletas – ainda mais aqueles que se dedicam a esportes de alto rendimento – não têm nada de coitados e traz uma abordagem inovadora para o tema.

O texto sobre cães-guia também poderia ser trabalhado de uma forma mais completa. Os dois parágrafos nos quais são abordadas as questões de acessibilidade na UFSC e a parceria com a ACIC poderiam ser transformados numa sub, por exemplo. Isso permitiria que a discussão fosse ampliada, ouvindo inclusive as demandas e sugestões de deficientes visuais que frequentam a universidade.

Outra crítica é à falta de dados que ajudem a contextualizar a questão. À primeira vista, parece insuficiente que no Brasil existam apenas 150 cães-guias, mas que tal comparar este dado às estatísticas oficiais sobre o número de cegos no Brasil? A relação proporcional ajudaria o leitor a entender a dimensão do problema e a tamanha necessidade de que se invista nessa questão. O aprofundamento sobre o Plano Nacional Viver Sem Limites contribuiria nesse sentido também.

Há de se elogiar, no entanto, as matérias sobre a Escola sem Partido e sobre os botecos da Ilha. Nestas, o leitor é seduzido tal qual seria pela fala de um bom professor ou pela melodia de um ótimo samba.

CRÔNICA

Segredo de família

POR GUSTAVO FALLUH

Aos domingos, minha bisavó fazia bolinhos de chuva. Da sala de estar, sentíamos o cheiro do açúcar frito no óleo vindo da cozinha, que permanecia inabitada – senão pela presença da velhinha robusta em frente ao fogão, com os óculos de lentes garrafais embaçadas pelo calor. Ela mexia no panelão e movimentava a colher de pau com destreza. Pequenos estouros se davam à medida que o fogo esquentava e, às vezes, a ouvíamos gritar de susto pelo respingo do óleo na pele enrugada.

O ambiente denso deixava a família inteira aflita. Roupas e cabelos defumados. Desde criança, minha fração de memória mais forte era ela cozinhando os bolinhos. Ao prepará-los, brincávamos livremente como se fossem massinha de pizzaria: pega, puxa, amassa, pisa, joga, revira. Ali, residia todo prazer de destruir e recriar, fonte de qualquer inspiração artística.

Durante a espera, meu pai cantava um samba-canção desafiado. Não era Tom Jobim, nem João Gilberto. Não sabia de sua limitação, ou preferia não encará-la. Praticamente ninguém o

escutava, e dar atenção era pior. Vinha o silêncio e o convite: “Canta junto, canta...”. Ao lado de todos, até podia ser músico, mas de péssima virtuose.

– Tá proooooonto! – anunciava a bisá.

Eu e meu irmão corríamos, estapeávamos, um empurrando o outro; quem chegasse primeiro podia segurar a bacia de lavar roupa cheia de bolinhos no colo. Recoberta de papel toalha, “para tirar gordura”, diziam-nos. Os mais apressados queimavam a mão tentando tirar o primeiro proveito. Quando terminava, a bisá vinha à sala, satisfeita, tirava a luva de forno da mão, jogava o pano de prato no ombro. Nem comia.

Pouco a pouco, o bolinho roubou sua forma corporal. Recobriu seu espírito. Engoliu-a. Ao fim, estava tão redonda quanto a massa, incapaz de sentar sem ajuda, pesada portuguesa de olhos azuis, cabelos de tigela. Virou o bolinho de chuva.

Anos depois, a bisá, não sabemos o porquê – e dizem que nem se deve perguntar –, morreu de enfarte.

**PARTICIPE!**

Mande críticas, sugestões e comentários:

✉ zeroufsc@gmail.com

☎ (48) 3721-4833

f /jornalzero

t @zeroufsc

Departamento de Jornalismo - Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Trindade, Florianópolis (SC) - CEP: 88040-900



3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil  
**EXPOCOM 1994**



Melhor Jornal Laboratório - I Prêmio Foca  
**Sindicato dos Jornalistas de SC 2000**



Melhor Jornal-Laboratório  
**EXPOCOM SUL 2015**



Melhor Jornal-Laboratório do Brasil  
**EXPOCOM 2015**



Melhor Peça Gráfica  
**Set Universitário / PUC-RS**  
1988, 1989, 1990, 1991, 1992 e 1998

**EQUIPE**

Ana Carolina Inácio, Anna Paula da Silva, Camila Valgas, Carlos Henrique Costa, Daniel da Silva, Débora Nazário, Eduardo Garcia Alves, Fernanda Mueller, Fernanda Struecker, Fernando Lisbôa, Francielle Cecília, Giulia Gaia, Gustavo Falluh, Luiza Giombelli, Mateus Mognon, Monique Souza, Neri Neto, Omar Niekiforuk, Pedro Cureau, Rodrigo Rocha e Sarah Soares

**DIAGRAMAÇÃO**

Fabio Tarnapolsky, Heloisa Baumgratz, Renato Botteon e Ronaldo Fontana

**EDIÇÃO**

Ana Carolina Prieto, Kamylla Silva e Tamy Dassoler

**CAPA**

Klaus Prochnow

**PROFESSORES RESPONSÁVEIS**

Janara Nicoletti

SC 02957 JP

Frederico S. M. de Carvalho

SC 01787 JP

**MONITORIA**

Gisele Flôres e Michel Gomes

**IMPRESSÃO**

Gráfica Grafinoorte

**TIRAGEM**

4 mil exemplares

**DISTRIBUIÇÃO**

Nacional

**FECHAMENTO**

03 de novembro

# A rotina de alunas que também são mães

Estudantes encontram dificuldades para concluir a graduação enquanto criam seus filhos

Fotos: Sarah Soares/Zero

**M**adalena, de nove anos, se senta ereta na cadeira e balança os pés com impaciência. Observa os movimentos das pessoas que estão sentadas por perto enquanto o professor na frente da sala explica algum assunto que ela não entende por completo. Ao seu lado, prestando atenção na aula e fazendo algumas anotações, está sentada a sua mãe, Fabiane Alonso, estudante da quarta fase de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A presença de Madalena na sala de aula nem sempre foi aceita. Fabiane lembra que uma professora disse para ela na frente de outros alunos que alguns assuntos abordados em aula não eram pertinentes à sua filha. A reprovação também veio de alguns colegas de curso. “Culturalmente, a ‘mãe estudante’ ainda é novidade. Esse espaço é exclusivo para estudantes jovens, de classe média e sem filhos. Ainda não estamos preparados para entender que as crianças também são sujeitos de direito”, diz.

Com Virginia Faria, estudante de Enfermagem, acontece o mesmo. “As pessoas não sabem lidar com crianças”, avalia. Sua filha de três anos já foi até empurrada na fila do Restaurante Universitário (RU).

Fabiane e Virginia fazem parte de um grupo no Facebook de pais e mães que são estudantes da UFSC. Além delas, o grupo – que existe desde 14 de fevereiro de 2012 – possui mais 281 membros, que trocam ideias e compartilham dificuldades da rotina universitária.

Os problemas que eles enfrentam são parecidos. Conseguir auxílio da universidade para poder deixar o filho em uma creche enquanto estudam e trabalham é um deles. Hoje, a UFSC oferece 20 bolsas de auxílio creche para os seus 46.225 alunos matriculados, em período integral ou não.

Se a criança não conseguir vaga em uma creche pública ou o auxílio, ainda é possível tentar uma vaga no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) da UFSC, que recebe os seus alunos através de sorteio universal. No entanto, a instituição só atende meio período e não tem preferência para mães estudantes.

Neste ano, 938 crianças foram inscritas no NDI. Destas, 227 eram filhas de estudantes da UFSC e apenas sete conseguiram vaga. Sem ela, não há nenhum outro espaço dentro da universidade com os cuidados necessários para que a criança permaneça enquanto a mãe estuda.

Pela falta de espaços próprios, frequentar lugares comuns da universidade é um problema. Para ter autori-

zação para a criança comer no RU, é necessário um requerimento individual que deve ser feito na secretaria do restaurante no início de cada semestre. Toda vez que vão fazer uma refeição, elas devem apresentar o documento. Logo na entrada, vários olhares de reprovação as acompanham e algumas pessoas chegam a mudar de mesa quando veem as mães se aproximando com as crianças.

O acesso para outras áreas comuns é tão difícil quanto. No ano passado, Virginia foi barrada com sua filha de três anos na porta do LabUFSC. Disseram que elas não podiam entrar e que crianças eram proibidas. A aluna contestou, falou com um professor e ouviu que “se deixar entrar criança, vão querer que entre cachorro”. Então, compartilhou o fato com outras colegas e isso serviu de incentivo para uma manifestação de mães e pais da UFSC. Depois do ato, a reitoria emitiu um comunicado dizendo que o acesso de crianças acompanhadas de pais deve ser garantido.

## ALÉM DO NDI, NÃO HÁ OUTROS ESPAÇOS DENTRO DA UFSC QUE CUIDEM DAS CRIANÇAS ENQUANTO SEUS PAIS ESTÃO EM AULA

### Decisão é do professor

Dentro das salas de aula, são os professores que decidem se aceitam a presença de crianças. Foi o que aconteceu com Pamella Wendhausen, que voltou à universidade há um mês e mandou um e-mail pedindo autorização para levar seu bebê. De cinco docentes, dois recusaram: uma disse que permitiria apenas se a coordenadoria do curso aceitasse e outro que não aceitaria sob hipótese alguma. Ela desistiu da disciplina do professor que não autorizou que seu filho frequentasse a aula com ela. Segundo a Pró Reitoria de Assuntos Estudantis, cabe ao professor autorizar a presença das crianças nas aulas. Caso ele não autorize, a mãe pode recorrer à coordenação do curso.

Pamella também tentou entrar com um recurso para ampliar a licença maternidade, mas teve o seu



Para realizar suas atividades diárias, como pilates e aulas, Pamella leva Eduardo no sling



Fabiane e Madalena são companheiras da sala de aula às discussões políticas

pedido negado. Hoje, a licença começa a partir do oitavo mês de gestação e garante o afastamento da mãe por quatro meses. Durante esse período, ela não pode reprovar por frequência insuficiente, mas deve fazer todos os trabalhos e as provas em casa.

De acordo com Pamella, a licença só pode ser prolongada caso haja algum tipo de problema com a saúde da mãe ou do bebê, e não por amamentação. Outro problema que as mães enfrentam quando voltam para universidade é que seus filhos podem ficar doentes e não são todos os professores que aceitam o atestado médico das crianças para justificar a perda de aulas.

“A nossa luta diária é de resistência. A minha realidade de precisar dos auxílios da Pró-Reitoria de As-

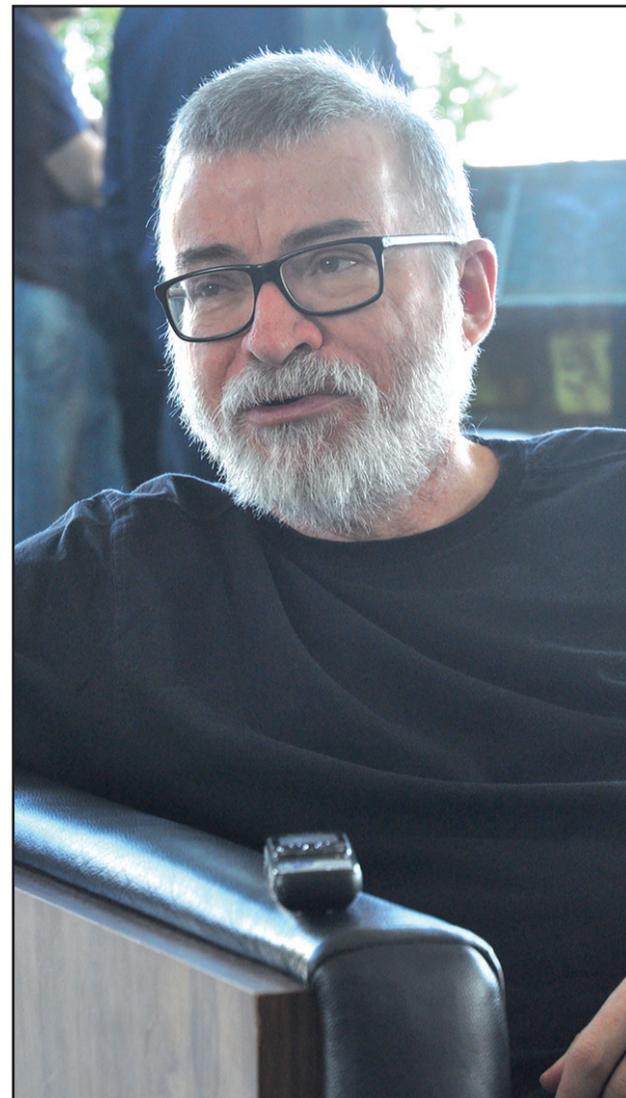
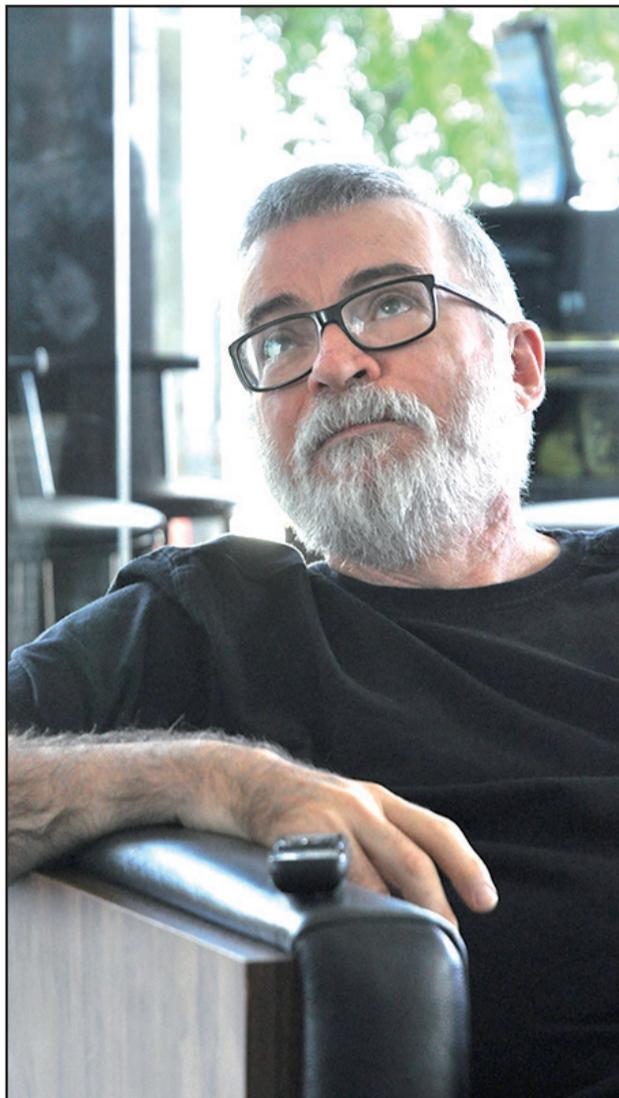
suntos Estudantis é singular, mas, no momento em que converso com outras mães estudantes, vejo que é uma demanda da instituição”, avalia Fabiane. Ela tem outros auxílios de permanência que a UFSC oferece, mas eles não dão conta das suas necessidades. O cadastro socioeconômico – que precisa estar atualizado para que os alunos concorram às bolsas – vence neste mês, mas o edital de renovação foi em agosto. Assim, ela corre o risco de perder suas bolsas, caso entre com um recurso e não consiga entregar seus documentos para fazer a renovação. ☹

.....  
Débora Nazário

deborah\_nazario@hotmail.com

Sarah Soares

sarah.soares.ce@gmail.com



# Lira Neto renova olhar sobre Era Vargas

Biógrafo revela desafios de contar histórias de vida e defende causas do ex-presidente

**L**ira Neto, 53 anos, beirava os 50 quando decidiu encarar a vida de Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954). Vinha numa crescente: alcançara duas finais do prêmio Jabuti, em 2005 e 2008, com *Castello: a marcha para a ditadura* e *Maysa: só numa multidão de amores*. Ganhara a primeira posição com *Inimigo do Rei: uma biografia de José de Alencar*, em 2007, e a segunda colocação com *Padre Cícero*, em 2010.

Fruto de quase seis anos de pesquisa, a trilogia *Getúlio — dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930), do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945) e da volta pela consagração popular ao suicídio (1945-1954)* —,

lançada a partir de 2012 pela Companhia das Letras, trouxe mais uma final e outros dois Jabutis. Em Florianópolis, abordou “Os processos de Getúlio Vargas” em painel de comemoração aos 125 anos do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, no dia 6 de outubro. No dia seguinte, o *Zero* o encontrou no saguão do hotel onde estava hospedado, no Centro, em Florianópolis. Em entrevista, falou sobre a desconstrução atual de muitas políticas do período Vargas — apesar da brutalidade ditatorial para alcançá-las à época —, o papel da mídia na tentativa de *impeachment* do ex-presidente, seus reflexos na destituição de Dilma Rousseff e a precisão necessária para fazer biografias. Confira a seguir:

**Z: Quais são os desafios de extrair pequenos detalhes da vida privada e cotidiana dos biografados?**

**Lira Neto:** A biografia é exatamente esse confronto entre duas esferas na vida de uma pessoa: pública e privada. Para aproximar o personagem do leitor, você tem que abraçar a dimensão do cotidiano e, mais ainda, buscar o detalhe. Mas nunca podemos nos deixar empolgar pelo detalhe e nem confundilo com irrelevância. O detalhe que entra tem duas funções: a primeira é conseguir esclarecer algum aspecto da personalidade da pessoa; a segunda é fazer o leitor visualizar a cena. Gosto muito também desse confronto entre estas duas características aparentemente antagônicas: a leveza e a consistência. Tem que ser consistente, principalmente no caso da biografia, com o trato das fontes, mas ao mesmo tempo tem que ser leve ao passar as informações obtidas na pesquisa para o leitor. A narrativa tem que ser transparente. Deve ter consistência, leveza, visibilidade e multiplicidade, mas também exatidão. Ou seja, a narrativa tem que ter um ritmo que seduza o leitor.

**Z: A partir do momento em que seleciona um tema, qual é sua rotina de trabalho?**

**LN:** A primeira coisa que faço é tentar achar e ler

tudo aquilo de relevante já publicado sobre o assunto. Faço uma espécie de revisão bibliográfica inicial, para saber como está o estado da arte. No caso do Getúlio, por exemplo, levou um ano inteiro. Uma vez que tenha lido esse material, procuro entender quais são as fontes primárias para buscar um olhar inaugural. Não é simplesmente uma obra de compilação bibliográfica. Depois segue a parte que mais gosto como repórter, que é a investigação nos arquivos. Então, tenho um sumário do tema na cabeça. Registro isso no papel e volto às fontes para tentar responder a algumas perguntas que foram traçadas. É uma média de 10 a 12h de trabalho por dia.

**Z: Por que escolheu Getúlio, alguém tão explorado historicamente, para uma biografia?**

**LN:** Porque esse personagem, que talvez seja alvo do maior número de livros dedicados a alguém da história brasileira, não tinha uma biografia mais atual que buscasse maior equilíbrio na sua avaliação. Isso sempre me inquietou. Como o Getúlio, um personagem tão fundamental, não tinha uma biografia moderna? Fora o fato de que todo livro em que me metia a fazer, ele estava presente. Isso foi no *Castello*, no *Padre Cícero*... Ele sempre aparecia, então

resolvi colocá-lo no centro da cena. Desde o início da tarefa, eu já sentia que seria impossível reduzir essa história a um único livro. Portanto, a decisão de publicar a história de Getúlio em três livros foi uma das primeiras ideias, bancada de imediato pela editora. Tinha aí um risco editorial: se o primeiro livro não fosse bem sucedido, a gente teria dois cadáveres na rua [risos].

**Z: Em termos de novidade, qual a contribuição da trilogia para a historiografia nacional?**

**LN:** Talvez a grande novidade tenha sido a forma de olhar Getúlio. Sem paixão — o que não exclui o fascínio da pesquisa —, mas também sem querer fazer um tribunal histórico para saber se ele é inocente ou culpado, se fez mais bem ou mal ao país. Essa é a principal novidade. Mas há alguns detalhes que acho importante citar: no terceiro volume, as cartas trocadas entre Getúlio e a sua filha, Alzira, no período após a destituição pelos militares até o retorno ao poder pelo voto popular. As cartas documentaram com minúcias todos os processos de articulação de sua volta ao poder, desconstruindo algumas verdades históricas ao longo desse processo. São peças essenciais para entender inclusive a personalidade

do Getúlio, uma vez que essas cartas não têm o filtro que a correspondência protocolar sempre exige. Um Getúlio mais desarmado, transparente, desprovido de mecanismos de defesa: isso é a coluna vertebral do terceiro volume.



## “GETÚLIO SEMPRE APARECIA NOS MEUS LIVROS. MERECEIA ESTAR NO CENTRO DA CENA”

**Z:** Desde o início do movimento tenentista, Getúlio parecia empenhado em não aplicar uma revolução em 1930. Depois da derrota para a chapa de Júlio Prestes nas eleições, seria o assassinato de João Pessoa então o estopim para o golpe?

**LN:** Getúlio jamais tomava uma atitude precipitada. Tinha um controle muito grande do tempo e deixava os acontecimentos se desenrolarem para atuar. No caso de 1930, é bastante identificável na própria correspondência, quando hesitou até o último instante em aderir ao movimento. Tinha se recusado a participar da conspiração até perceber que, como gaúcho, “o cavalo selado passou diante dele”. E a morte de João Pessoa, sim, tem muito a ver com isso, porque foi o que desencadeou toda uma comoção pública nacional. Ele percebeu que poderia entrar no movimento não como mais um, mas como o líder. Ao inaugurar seu diário, no dia 3 de outubro de 1930 — data de eclosão do movimento —, Getúlio faz a seguinte anotação: “E se perdermos?”. E ele mesmo responde: “Então somente o meu sacrifício pessoal poderá lavar a desonra de uma derrota”. Sempre que se via em situações de vida ou morte — de tomar ou deixar o poder —, recorria à saída do sacrifício pessoal, no caso, uma autoimolação, o que demonstra que o gesto trágico de 1954 foi longamente planejado. Não havia como sair daquela história bem, provavelmente seria preso ou enxovalhado do Palácio do Catete. Com a idade que tinha, principalmente, jamais iria se submeter a passar para a história como o presidente que foi derrotado pelos militares, que ficou calado e foi-se embora. Isso ele jamais aceitaria. Ele escreveu quatro textos de suicídio, o que é muito sintomático, e poderia ter sido antecipado nesses momentos, inclusive em 1930.

**Z:** Qual o papel dos jornais para a tentativa de *impeachment* de Getúlio Vargas em 1954, rejeitada pela Câmara de Deputados?

**LN:** Durante o retorno ao poder com o voto popular, em 1950, e a posse, em 1951, você vê que a imprensa teve um protagonismo, junto ao Exército, de oposição ao Governo. Houve uma tentativa constante de bombardeá-lo. A imprensa tem um papel fundamental na tentativa de desconstrução de Getúlio, colocando uma lupa em pequenos delitos e fechando os olhos para os crimes de seus adversários. O caso mais elucidativo é quando se abre uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Congresso, com ampla cobertura da imprensa, para denunciar que o único jornal getulista, o *Última Hora*, de Samuel Wainer, recebia financiamento do Banco do Brasil. Na mesma época, abriu-se outra CPI para investi-

gar o financiamento público de toda imprensa — um relatório apurou que todos os jornais dependiam do dinheiro público. Mas a cobertura ficou somente na CPI do *Última Hora*. Há sempre um moralismo seletivo que destaca determinados escândalos e simplesmente ignora os esquemas de outros componentes do jogo político. E a história nos mostrou que, quando se junta moralismo a um nacionalismo ingênuo, essa é uma mistura explosiva. Os conservadores estão à espreita. Dá para atualizar e ver o que está acontecendo hoje. É exatamente isso.

**Z:** Existem semelhanças com a atuação da imprensa para a abertura do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff neste ano?

**LN:** Não há dúvidas de que as semelhanças são gritantes. Nós temos hoje, na imprensa brasileira, um comportamento indefensável de reduzir o escândalo a um grupo político. E, infelizmente, as pessoas ainda não conseguem ler os jornais com um olhar crítico. Então, além da desconstrução política, existe a desconstrução pessoal, da qual Getúlio também foi vítima. O jornalismo está vivendo uma crise moral, numa época em que o governo foi usurpado por uma onda conservadora, que direitos sociais históricos estão sendo vilipendiados e em que se aproveita um governo que não tem nenhuma pretensão de continuidade depois de 2018 para fazer todo pacote de maldades. Contra, inclusive, a história do monopólio do petróleo, na questão da legislação trabalhista, previdenciária. Todas as bandeiras construídas naquele momento estão sendo desconstruídas neste instante. E, como se não bastasse, ainda vem uma onda conservadora no ponto de vista dos costumes. Você vê discurso de ódio sendo propagado contra as minorias — um discurso homofóbico e que tenta desconstruir as conquistas do feminismo. Estamos vivendo um momento de profundo obscurantismo.

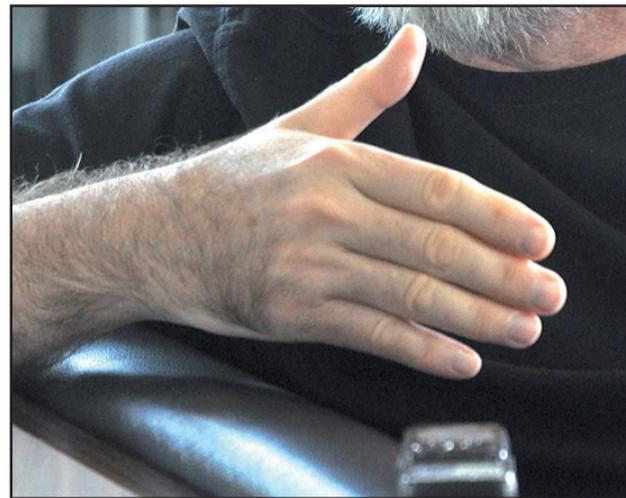


## “A HISTÓRIA MOSTROU QUE MISTURAR MORALISMO COM UM NACIONALISMO INGÊNUO PODE SER EXPLOSIVO. É O QUE ACONTECE AINDA HOJE”

**Z:** O senhor acredita que o Supremo Tribunal Federal (STF) se acovardou ao tomar a decisão de expulsar Olga Benário do país?

**LN:** Você tem que levar em consideração que, naquele momento, nós estávamos dentro de uma ferrenha ditadura. O Brasil tinha acabado de sair daquele movimento liderado por Luís Carlos Prestes [Intentona Comunista] e o STF estava de mãos atadas. E havia a justificativa de que ela era uma espã que tentava produzir um golpe comunista no país. Agora, havia o detalhe dela estar grávida e ser mandada para um campo de concentração nazista. Já se sabia que era uma pena de morte. Foi um ato de crueldade ímpar. As atrocidades durante o Estado Novo e a repressão pós-movimento de 1935 foram inomináveis. A tortu-

ra foi institucionalizada como prática de interrogatório. Quando se fala em ditadura, a gente sempre lembra do golpe de 1964, que foi terrível, mas o Estado Novo foi tão sanguinolento quanto a ditadura militar (1964-1985).



## “OS PROJETOS CONSTRUÍDOS NAQUELE MOMENTO ESTÃO SENDO ALTERADOS NESTE INSTANTE. HÁ UMA ONDA REACIONÁRIA DE COSTUMES”

**Z:** Dentre os críticos à trilogia, parece que Juremir Machado foi o mais enfático. Ele afirma que não há novidade nos três casos do primeiro volume. Como o senhor recebe essa opinião?

**LN:** [Risos] A crítica é sempre muito bem-vinda para quem faz trabalho público. Agora, tem dois tipos de crítica: a crítica justa e a crítica injusta. A crítica justa você procura aprender com ela. A crítica injusta se divide entre outros dois tipos: a que dá para argumentar e dizer: “olha como você está errado por isso e por isso”; e a que desce para o rodapé da ofensa pessoal. Esta não merece resposta. No meu livro, deixo claro que o assassinato de Ouro Preto já tinha sido alvo de dezenas de livros. Mas o que fiz foi buscar uma visão polifônica. Há também o caso do discurso [de formatura de Getúlio], que soube como outra crítica. De fato, o jornalista Fernando Jorge publicou no livro dele trechos desse discurso, mas não lhe foi dada talvez autorização suficiente para que o lesse na íntegra. E destaco exatamente a parte censurada, em que Getúlio diz que o cristianismo é uma religião que produz homens fracos porque se baseia em dar a outra face e prega a redenção dos humildes. Aí, numa determinada entrevista, falo que estou publicando essa parte do discurso e alguém pega uma frase minha e diz: “Já foi publicado”. Que esperasse o livro sair, para fazer uma análise séria dele. Não se faz crítica de livro a partir de entrevista.

**Z:** O senhor já pensou em fazer ficção?

**LN:** Não, jamais. No livro sobre o Padre Cícero (1844-1934), na epígrafe do Gay Talese, uso uma frase que é fantástica: “há muito acredito que o realismo é fantástico”. Adoro ler, mas prefiro, como repórter, seguir observando os fatos. ☺

.....  
Anna Paula Silva

annaeanap@gmail.com

Gustavo Falluh

gustavofalluh@gmail.com

Leia o QR Code para conferir o conteúdo online desta reportagem nas redes sociais do Zero.



**Luiza Winck**

No Youtube desde junho de 2014

1.238.589 visualizações

39.860 inscritos

**Louisy Cim**

Desde julho de 2012

1.406.526 visualizações

63.006 inscritos

**Joana Castanheira**

Desde dezembro de 2013

3.454.169 visualizações

74.715 inscritos

**Louie Ponto**

Desde abril de 2008

1.238.589 visualizações

39.860 inscritos

# Youtube é palco para músicos do estado

Com mais de um bilhão de usuários, plataforma atrai artistas iniciantes ou sem apoio

Uma parede decorada no quarto, iluminação improvisada e a câmera do *smartphone* ligada: este se tornou o palco de diversos músicos independentes de Santa Catarina. Enquanto grandes bandas se apresentam em festivais com plateias gigantes, um crescente número de artistas catarinenses utiliza o Youtube para divulgar sua música e conquistar um público ainda maior: a internet.

No Full Voice Studio, em Florianópolis, a estudante Luiza Winck, de 19 anos, mostra logo de cara que entende de música e produção de conteúdo. “Posso gravar o áudio da música no meu iPhone, porque a qualidade é muito boa”, diz aos repórteres do *Zero* enquanto segura o violão e escolhe uma partitura na tela do celular.

A estudante de Administração Pública criou um canal no Youtube em 2014 e começou a postar vídeos assiduamente no ano passado, com o objetivo de expandir seus trabalhos musicais. “O Youtube tá bombando agora e tem um alcance absurdo. Com esse grande consumo de conteúdo, é bem mais fácil você ficar conhecido”.

Recentemente, a cantora ingressou numa banda e também começou a fazer shows em bares da Grande Florianópolis. Com o canal, ela espera que novas oportunidades surjam em sua carreira. “Meu intuito não é conseguir dinheiro com o Youtube, mas sim que as pessoas me conheçam e eu consiga chegar a mais lugares”.

## Superação e porta para oportunidades

Além de servir para divulgação, o Youtube ajuda artistas a se descobrirem e vencerem a timidez. A mestrandia em Literatura Louie Ponto, de Florianópolis, é um desses casos. Desde 2008, ela alimenta um canal no Youtube com *covers*, músicas autorais e, recentemente, vídeos de opinião e rotina que são acompanhados por mais de 40 mil assinantes. Apesar de tocar desde os 11 anos e ter boas recordações de apresentações na escola e com a família, a estudante de 25 anos não esconde a intimidação ao cantar para uma plateia. Mas se torna outra pessoa quando está na frente da câmera. “Quando estou

gravando, eu solto um lado meu que não costumo mostrar pessoalmente”.

A intimidade com a câmera foi tão grande que rendeu frutos. A artista não fazia apresentações fora da internet, mas graças a sua audiência – mais de 1 milhão de visualizações no canal –, Louie foi chamada para participar da trilha sonora do filme catarinense *Lua em Sagitário*, dirigido por Marcia Paraiso. Além disso, fez sua estreia nos palcos em 2016 e abriu o show do cantor Johnny Hooker em Florianópolis. Mas apesar da emoção, a estudante ainda prefere gravar no conforto de seu *home studio* e postar o vídeo para sua audiência no Youtube. “Foi muito legal cantar ao vivo e sentir a plateia, mas os vídeos continuam sendo os donos do meu coração”.

## APESAR DA FAMA, GANHAR DINHEIRO FAZENDO VÍDEOS NA INTERNET NÃO É FÁCIL

O Youtube também inspirou Louie a expor sua opinião na internet e interagir com seu público. Além de trazer músicas, o canal da cantora começou a ganhar vlogs – vídeos onde ela fala sobre assuntos que vão desde sua rotina até o cenário político brasileiro. “Assim como cantar, falar em público me deixa muito envergonhada. Eu vi nos vlogs uma forma de falar de assuntos que eu considero importantes. E o engajamento do público foi muito grande. Eles começaram a comentar mais, a falar mais comigo”.

Outra técnica utilizada pelos produtores de conteúdo do Youtube são as colaborações – vídeos em que dois ou mais Youtubers produzem conteúdo juntos com o objetivo de alcançar um público maior. A estudante de Jornalismo Joana Castanheira, que tem um canal no Youtube profissionalmente desde 2013, faz constantes participações nos vídeos de Louie. “Quanto mais as pessoas assistem aos vídeos, mais dinheiro nós ganhamos”.

No Youtube, a monetização dos vídeos acontece com as propagandas: quanto mais visualizações, mais anúncios são exibidos para o público, o que é convertido em renda para o *site* e para o produtor de conteúdo. O Google não revela os valores dos contratos e qual é a parcela que fica com os donos dos canais. Segundo uma estimativa da revista Mundo Estranho, os criadores recebem entre US\$ 0,60 e 5 a cada mil visualizações. Os números também variam de acordo com a popularidade do Youtuber e o uso de *softwares* para bloqueio de anúncios – os *adblocks* –, que acabam não monetizando visualizações.

Louie também ressalta as dificuldades de produzir conteúdo, já que é necessário tempo para o trabalho e dinheiro para os equipamentos, sendo que o retorno financeiro é baixo. “Às vezes, as pessoas veem o vídeo pronto e pensam que é fácil de fazer. Mas existe muito trabalho antes, durante e depois das gravações”.

Mesmo com o baixo retorno e a necessidade de constantes investimentos, Louie pretende continuar com essa prática que começou como *hobby* e está virando profissão. “Você precisa plantar agora para colher frutos no futuro”.

## Sucesso e desafios da vida dupla

O Youtube também é palco para jovens catarinenses que estão entrando agora no mundo da música. Com apenas 15 anos, a estudante Vitoria Marcilio criou um canal em julho de 2015 para compartilhar vídeos nos quais canta e toca violão. Em pouco mais de um ano, sua página já possui mais de 136 mil assinantes e soma 5,1 milhões de visualizações. A catarinense não sabe ao certo os motivos do crescimento, mas o fenômeno possivelmente tem ligação com o público majoritário do Youtube, que é bastante jovem. Segundo dados do Google, só o aplicativo para *smartphones* da plataforma alcança mais jovens entre 18 e 34 anos do que qualquer canal de assinatura dos Estados Unidos.

Sempre gravando com a câmera do celular e dentro do seu quarto, a estudante posta vídeos de músicas autorais e *covers* quando tem tempo livre. “No momento, não tenho postado com frequência por causa do vesti-

bular”. Vitoria quer cursar Nutrição e não pretende se aprofundar nos estudos musicais para “não enjoar da área futuramente”. Ela tem planos de conciliar sua carreira com o canal para, quem sabe, transformá-lo numa fonte de renda extra no futuro. Um de seus planos é abandonar o celular e comprar uma câmera para melhorar a qualidade dos vídeos.

Divulgação/YouTube



**Vitoria Marcilio** 64.665 inscritos  
5.164.866 visualizações  
Desde dezembro de 2013

Em Balneário Camboriú, Louisy Cim mostra que é possível cantar na internet e ter outra carreira. Além de ter um canal no Youtube, a jovem de 19 anos também é professora de inglês. Vinda de uma família de músicos, ela canta desde os 11 anos e começou a postar músicas quando morava nos Estados Unidos, após uma brincadeira. “Eu tenho o canal há quatro anos. Minha família e meus amigos sempre pediam vídeos para matar as saudades. Um dia, estava cantando na *webcam* de pijama e meus amigos gravaram. Disseram que iam postar na internet se eu não colocasse um vídeo no Youtube em 24 horas. Foi assim que eu comecei”.

Embora tivesse que dividir seu tempo entre duas atividades, Louisy reservava espaço para a música e fazia shows ao vivo até o início do ano, quando descobriu um problema de saúde que poderia encerrar sua carreira prematuramente. “Tive que me afastar dos palcos quando descobri que estava com nódulos bilaterais e formação de fenda nas cordas vocais”. Enquanto faz o tratamento para recuperar a voz por completo, a cantora investe em vídeos no seu canal, que possui cerca de 63 mil inscritos. Ela planeja voltar aos palcos em 2017 com músicas autorais e aproveita o tempo para se aproximar dos fãs na internet. “Estou sempre conversando com eles. Acho muito importante ter um *feedback* de quem está de fora. Assim, estou sempre melhorando”.

Balneário Camboriú também é o lar do Nossa Toca, projeto de música experimental liderado pelo produtor musical Giba Moojen, ex-integrante da banda Nego Joe. O canal ganhou bastante notoriedade com os vídeos de experimentação, entregando *covers* que são praticamente novas versões de músicas populares da atualidade. Cada vídeo é estrelado por um músico diferente e, em grande parte dos casos, os protagonistas são de Santa Catarina. A iniciativa funciona como uma vitrine para que artistas menores ganhem seu lugar ao sol no disputado Youtube e, quem sabe, deslanchem no mundo da música.

## ARTISTAS CONSIDERAM O YOUTUBE UMA PORTA PARA O MERCADO DE TRABALHO

### Youtube Music Awards

Apesar de os músicos brasileiros enfrentarem dificuldades para sobreviver apenas com vídeos no Youtube, o cenário é diferente no exterior, onde o próprio Google tem dado apoio aos artistas. A cada dois anos, o Youtube promove o Youtube Music Awards (YTMA), que premia os principais ícones dentro da plataforma.

A primeira edição aconteceu em 2013, quando os cantores e as bandas que mais tiveram engajamento foram indicados em seis categorias. O evento foi transmitido pelo Youtube, contou com apresentações ao vivo e, como era de se esperar, artistas renomados dominaram em categorias como Artista do Ano e Fenômeno do Ano – vencidas por Eminem e Taylor Swift, respectivamente.

Porém, a celebração também teve espaço para os produtores independentes: a categoria Resposta do Ano, que premiou o melhor *cover* compartilhado na plataforma, ficou com a colaboração entre o grupo Pentatonix e a violinista Lindsay Stirling, figuras que ganharam notoriedade graças aos vídeos compartilhados no Youtube. Também foram espalhados palcos com shows ao vivo em cinco cidades do mundo com artistas locais

Na edição de 2015, o YTMA sofreu uma reformulação para dar ainda mais ênfase aos artistas que ascenderam ao sucesso graças ao Youtube. A premiação não foi dividida em categorias e os 50 artistas que mais cresceram na plataforma levaram a estatueta, incluindo caras conhecidas, como Nicki

Minaj e Rihanna, até Alt-J e The Weeknd, nomes que não eram tão famosos na época, mas que hoje fazem muito sucesso.

Além de deixar a premiação mais flexível, o Youtube também selecionou 15 artistas para criar vídeos exclusivos para o evento. A playlist, que pode ser ouvida no canal do YMTA, conta com nomes como Ed Sheeran e Martin Garrix, que alcançaram a fama devido ao *site* de compartilhamento de vídeos. A próxima edição do YMTA ainda não tem uma data definida, mas, seguindo o padrão de anos anteriores, possivelmente acontecerá no primeiro trimestre de 2017. ☺

Mateus Mognon

mateusmognon@gmail.com

Neri Neto

nerineto07@gmail.com

Leia o QR Code para conferir o conteúdo online desta reportagem nas redes sociais do Zero.



## Cantores famosos que começaram no YouTube

Desde sua criação, em 2005, o Youtube funciona como porta dos fundos para artistas de todo o mundo. Com mais de um bilhão de usuários e a possibilidade de divulgar e consumir conteúdos gratuitamente, a plataforma permite que milhares de pessoas consigam destaque mostrando seus talentos. Atualmente, o Google é dono do *site* e incentiva a produção audiovisual. O Youtube conta com um terço dos usuários da internet e o Brasil está entre os cinco países com mais acessos diários.

Entre canais de *gameplay*, tutoriais, filmes, animação e vlogs, há os de música, que não são maioria em quantidade, mas conquistam o público e revelam artistas. Confira alguns cantores que hoje são famosos e começaram lançando vídeos na internet:

### Justin Bieber

Fotos: Divulgação/YouTube



Antes de se tornar mundialmente conhecido, o cantor canadense colocava *covers* de artistas variados em seu canal no Youtube. Quando gravou um *cover* da música *With You*, de Chris Brown, decolou na carreira. Hoje, seu primeiro canal está com mais de 3 milhões de inscritos e é utilizado para vlogs de viagens, vídeos promocionais e de divulgação. O canadense de 22 anos é um dos principais ícones da música pop internacional, com milhões de discos vendidos e uma recente vitória do Grammy de melhor música com *Where Are U Now*.

### 5 Seconds of Summer

A banda começou em meados de 2011, quando os quatro integrantes gravaram músicas *covers* de diversos artistas e disponibilizaram no Youtube. Após ficarem conhecidos na internet, somando milhões de visualizações, foram convidados para abrir os shows da banda One Direction. A turnê da *boyband* britânica percorreu Austrália, Canadá e Estados Unidos, o que ajudou a 5SOS a ganhar destaque internacional. Em 2014, o grupo lançou seu primeiro *single*, *She Looks So Perfect*, e liderou as paradas em diversos países.



### Luan Santana



Hoje um fenômeno do sertanejo universitário, o cantor mato-grossense de 25 anos também teve o início de sua carreira marcado pelo Youtube. Após fazer uma gravação amadora, seus amigos divulgaram a música *Tô de cara* na plataforma e ela atingiu milhares de visualizações. Em pouco tempo, o número de pessoas pedindo músicas suas na rádio cresceu muito; um ano depois, a música *Meteoro da paixão* se tornou nacionalmente conhecida.

# Lixo marinho afeta saúde da população

Poder público não se encarrega pela retirada de resíduos e trabalho depende de voluntários

Vinte e sete toneladas de lixo foram retiradas do oceano em Florianópolis nos últimos três anos pelo projeto “Limpeza dos Mares”, organizado pela Associação de Náuticos para o Brasil (Acatmar). O surgimento de doenças na população costeira e a desregulação do ecossistema em nível global estão entre as principais consequências da poluição marinha. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 70% da população brasileira vive a até 200 km de distância do litoral e é afetada diretamente pelos impactos da ação do próprio ser humano sobre o mar.

No início do último verão, o surfista Bruno Carvalho teve dores no corpo, diarreia e vômito após surfar na praia dos Ingleses. Ao procurar um médico, não recebeu diagnóstico exato sobre seu estado de saúde. “Fui atendido no hospital da Unimed e, chegando lá, havia mais de 30 pessoas com os mesmos sintomas que eu. O médico concluiu que era uma virose e que havíamos contraído no mar”. Carvalho afirma ainda que continuou frequentando as praias do Norte da Ilha, onde passa os verões com frequência, e ficou doente mais de cinco vezes nesta época do ano em temporadas diferentes. Os surtos de virose no verão são comuns na Ilha. As altas temperaturas, somadas a falta de saneamento e de higiene tornam o ambiente propício para a proliferação de microrganismos patogênicos.

Para a bióloga Bianca Vettorato, os sintomas citados pelo surfista não caracterizam virose, e sim uma contaminação por toxinas de microalgas (cianobactérias) que se proliferam no verão com a quantidade de resíduos químicos lançados no mar. “Não há estudos locais sobre a interferência do lixo marinho na saúde humana, mas ele acelera a proliferação de cianobactérias que produzem toxinas para se proteger de predadores naturais. Essas toxinas são extremamente nocivas ao homem e a toda fauna marinha”.

A Associação Americana para o Avanço da Ciência divulgou, em encontro realizado em 2015, que 8 milhões de toneladas de plástico são descartadas no mar anualmente. O biólogo Rodrigo Ferreira explica que, uma vez no oceano, o produto passa por um processo de deterioração, entra na cadeia alimentar e aos poucos se acumula no organismo das pessoas. Por exemplo, o acúmulo do composto químico bisfenol-A, usado na fabricação de embalagens plásticas, pode ocasionar alterações hormonais e no sistema imunológico, diabetes, infertilidade e câncer de mama, de acordo com pesquisa realizada pelo Centro de Pesquisa e Políticas do Meio Ambiente da Califórnia.



Fotos: Fernando Lisboa/Zero

Voluntários se organizam nos finais de semana para retirar o lixo acumulado na praia



ONG que faz limpeza no mar cobra atitude das marcas estampadas nas embalagens

Além do plástico, compostos químicos tóxicos provenientes de pilhas e baterias de carros ou celular também estão presentes no oceano. No Brasil, mesmo com o Plano Nacional de Resíduos Sólidos, que obriga empresas fabricantes a recolherem estes produtos após a validade, Ferreira afirma que nem 10% deles são descartados de maneira correta. Estes rejeitos liberam toxinas e metais pesados que são prejudiciais à vida marinha e às pessoas que consomem frutos do mar.

Rodrigo Franco e seu filho, turistas de Papanduva, interior de Santa Catarina, tiveram os mesmos sintomas do surfista Bruno Carvalho quando se banharam no verão passado na praia de Canasvieiras, também no Norte da Ilha. “Não fui ao médico, pois imaginamos que era do mar. Estávamos em seis pessoas na praia, só eu e meu filho entramos na água, e justo nós dois ficamos doentes. Tomamos alguns remédios por conta própria”. A atitude de Franco não é recomendável: além dos problemas comuns da automedicação, esta atitude impede que médicos comuniquem a Vigilância Sanitária em caso de epidemia, e seus dados não

são contabilizados nas estatísticas registradas pelos órgãos responsáveis.

## Lixo afeta produção de oxigênio

Os oceanos são fundamentais para a regulação do clima do planeta, e o acúmulo de rejeitos também interfere neste ponto. Um relatório divulgado em 2000 pelo Conselho Nacional de Pesquisa dos Estados Unidos apontou impactos indiretos relacionados às condições dos mares. Entre eles, o aumento de temperaturas e a seca, que prejudicam a agricultura, favorecem queimadas e contribuem para o desenvolvimento de doenças respiratórias. Segundo a bióloga Bianca Vettorato, uma consequência negativa fundamental devido à ação do homem sobre o ambiente aquático é a queda da população de fitoplânctons – seres microscópicos encontrados na superfície do mar que produzem de 50% a 70% do oxigênio no mundo.

Bianca iniciou o monitoramento dessas plantas marinhas nos estuários de Florianópolis, alguns em área de preservação permanente, mas em condição ameaçada pela poluição resultante da urbanização das áreas próximas. A bióloga alerta sobre as grandes concen-

## Produção de alimentos é prejudicada

As pessoas consomem frutos do mar por seu elevado valor nutricional, mas pesquisadores têm encontrado metais pesados em alta concentração na costa brasileira. “Embora não seja motivo para alarde, é bom que se faça um monitoramento reforçado nas águas”, diz Bianca Vettorato.

Rodrigo Ferreira alerta para o impacto na produção de alimentos. “Em águas costeiras, a poluição compromete diretamente a fauna e a flora marinha e age de forma negativa na cadeia alimentar. Existem sociedades que dependem do mar para o fomento da economia e têm nele a principal fonte de alimentos”. Vale lembrar que a Grande Florianópolis é a maior produtora de mariscos, ostras e mexilhões do Brasil.

Quando se fala em sociedades, há países inteiros que dependem do mar como fonte principal de alimentos, como Guiné-Bissau. “Não temos o hábito de comer carne com frequência. O guineense come muito peixe, pela proximidade com o mar, e essa atividade gera uma enorme renda para a região”, relata o estudante de Ciências da Computação Fierre Poiamer, que hoje vive no Brasil.

Outro fator importante se deve ao papel do oceano na regulação do clima, interferindo na agricultura.

trações de lixo que se alojam no fundo dos rios e impedem os nutrientes de subirem à superfície, prejudicando o processo de fotossíntese. Sem energia suficiente, os fitoplânctons diminuem em quantidade, o que impede a produção do oxigênio. A partir daí, forma-se um ciclo retroalimentador: as concentrações baixas de oxigênio asfixiam parte da vida aquática, seus corpos vão à superfície e bloqueiam a entrada da luz, o que prejudica a fotossíntese e impede ainda mais a entrada de oxigênio. A interferência no desenvolvimento destas plantas marinhas é bastante preocupante, pois elas estão na base da cadeia alimentar e seu declínio afeta todos os seres vivos, inclusive os humanos. ☺

Fernando Lisboa

fernandolisboas@gmail.com

Pedro Cureau

pedrohjcureau@gmail.com

# Voluntários são alternativa para negligência

A maior parte do lixo descartado incorretamente pela população no continente, de alguma forma, chega ao oceano. Em setembro de 2015, o presidente da Associação Náutica Catarinense para o Brasil (Acatmar), Mané Ferrari, se surpreendeu ao retirar mais de 4 toneladas e meia de lixo apenas na Reserva Ecológica Ilha do Arvoredo, uma área de preservação permanente que fica a 11 km da costa acima da ilha de Florianópolis. “A gente vê televisão, gabinete de computador, carrinho de bebê e muita rede deixada no fundo do mar”.

Regiões como a Grande Florianópolis, que no verão têm bastante apelo turístico, apresentam aumento populacional nessa época do ano e, conseqüentemente, nos níveis de poluição das praias e oceanos. Em outubro de 2003, a bióloga Mariana Coutinho Hennemann participou de uma pesquisa de coleta de resíduos em cinco praias de Florianópolis e, como resultado, foram recolhidos 25 itens por 100 m<sup>2</sup>. A atividade foi refeita em março de 2004, depois da temporada de verão, nas mesmas cinco praias, e a quantidade de resíduos encontrados a cada 100 m<sup>2</sup> aumentou para 180.

Segundo o presidente da Compa-

nhia Melhoramentos da Capital (Comcap), Marius Bagnati, nesse período, a empresa aumenta o número de lixeiras na faixa litorânea e contrata funcionários temporários, que trabalham na limpeza das praias das nove da noite às cinco da manhã. Mesmo assim, a partir do momento em que o lixo

**“A GENTE GASTA DINHEIRO, DEDICA TEMPO E, PARA A INDÚSTRIA, É TUDO MUITO CÔMODO. VENDE, LUCRA, DÁ RISADA E FICA POR ISSO”**

não coletado entra no mar, ele não é mais responsabilidade da empresa.

“A indústria tem papel importante no destino do que a gente recolhe. Não basta colocar selinho de reciclável e jogar a responsabilidade para o consumidor. Como voluntários, a gente gasta dinheiro, dedica tempo, e para elas é muito cômodo. Vende, pega o lucro, dá risada e fica por isso mesmo”, diz o biólogo Rodrigo Ferreira. Ele é presidente e um dos fundadores do Projeto

Route, Organização Não Governamental que também realiza mutirões para a limpeza das praias em Florianópolis.

Ferreira explica que a organização cobra, através de telefonemas e e-mails, que as marcas cujas embalagens são encontradas nas praias desempenhem sua função prevista em lei. Ele afirma que a principal justificativa delas é a de que já pagam impostos, repassando a responsabilidade para o poder público. O biólogo, especialista em gestão ambiental urbana, não considera o cumprimento das obrigações fiscais motivo suficiente para isentá-las, mas também responsabiliza o Estado por não investir mais na educação da população. Se na conscientização a ação pública é falha, a situação se agrava quando se constata que não existe iniciativa governamental direta para a fiscalização e retirada do lixo dos mares.

O Plano Nacional de Resíduos Sólidos, em seus artigos 25 e 30, atribui a responsabilidade pelo destino do lixo ao poder público; fabricantes, importadores, distribuidores e comerciantes dos produtos; consumidores e empresas públicas de limpeza urbana, que além de implantarem medidas para a redução da produção de lixo,

devem “incentivar as boas práticas de responsabilidade socioambiental”.

De acordo com a gerente de saúde ambiental da Vigilância Sanitária, Michele Marcon Telles, a tarefa do órgão é monitorar a qualidade da água do mar nos casos em que é constatada uma epidemia na região. Já o assessor de imprensa do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Badaró Ferrari, diz que a retirada de lixo do mar fica a cargo da entidade apenas em casos de desastres industriais, não assumindo a responsabilidade de recolher resíduos domésticos descartados por negligência da população. A analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Eloisa Pinto Vizuet, informa que a instituição também não é responsável pela remoção de lixo urbano despejado no mar.

O presidente da Comcap, Marius Bagnati, vai além ao dizer que não existe no mundo uma empresa ou órgão público encarregado da limpeza dos oceanos. “O resultado disso, em nível mundial, são grandes camadas de plástico navegando pelos mares, que somadas dão quase o tamanho dos Estados Unidos”.

Pedro Cureau/Zero



**Denise Siqueira é funcionária pública. No mar, encontrou apoio para reabilitação física, e faz cursos de mergulho para participar dos mutirões de retirada de lixo do oceano.**

Fernando Lisboa/Zero



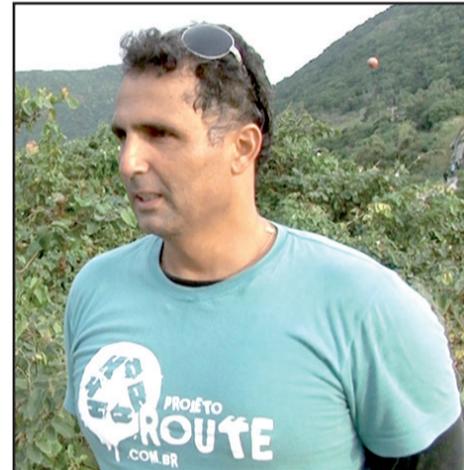
**Ettore Brodi Bacci é músico e guia ambiental, e acredita que sua ação pode ajudar na mudança de pensamento e conscientização das pessoas quanto ao descarte incorreto do lixo.**

Pedro Cureau/Zero



**Empresário, Mané Ferrari preside a Acatmar e, com as limpezas, trabalha pela reeducação das pessoas. Apresenta um programa de TV em canal fechado que tem o mar como temática.**

Fernando Lisboa/Zero



**Rodrigo Ferreira, o Kiko, é biólogo. Presidente do Projeto Route, organiza mutirões de limpeza e faz trabalhos de conscientização a partir da origem dos resíduos encontrados.**

## Circuito do lixo

1. O consumidor descartar incorretamente o lixo no chão



2. O lixo se acumula por vários espaços da cidade, e contribui para proliferação de insetos



3. O vento ou a água da chuva arrastam o lixo para os rios. Os resíduos se alojam nas regiões de manguezais



4. Ao chegar no mar, materiais pesados se concentram no fundo e materiais leves ficam na superfície



5. Os materiais levam anos para se deteriorarem e se acumulam pelos oceanos



Renato Botteon/Zero



Fonte: Mariana Coutinho, bióloga da Floram

# Demolições afetam pescadores da ilha

Decisões sobre as áreas de preservação geram impasse no setor de turismo em Jurerê

Omar Niekiforuk/Zero

**F**lorianópolis convive com processos de demolições de imóveis em áreas de preservação permanente (APP) em diferentes regiões da Ilha nos últimos anos. Edificações na Lagoa da Conceição foram alvos recentes, assim como em Jurerê Internacional, onde os beach clubs causam polêmica há anos. Mas em ambos os casos não houve demolições, diferente do que ocorreu nos Ingleses. Algumas construções começaram a ser derrubadas em setembro, no canto direito da praia dos Ingleses, de acordo com decisão judicial.

Quem decidiu pelas demolições foi a juíza substituta da 6ª Vara - a Ambiental - da Justiça Federal em Florianópolis, Marjôrie Freiberg. A sentença é resultado de uma ação que tramitava desde 2006 e determinou que a Prefeitura e a Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis (Floram) tomassem medidas para retirar os residentes do local, demolir as construções, recuperar as APPs e regularizar os ranchos destinados à pesca artesanal.

Mesmo após o início do processo, ainda são visíveis os entulhos das construções que precisam ser retiradas de APPs. Onde antes existia o restaurante Recanto dos Brunidores, hoje só resta terra. Ao lado, havia uma marina com 40 barcos e uma casa; agora o que se vê é bastante entulho. Um dos que restou foi o museu do Projeto de Arqueologia Subaquática, por falta de uma equipe qualificada para retirar as peças de um navio do século 17.

Os mais afetados pela decisão da Justiça são pescadores; estão previstas 58 demolições no local, entre elas 33 ranchos de pesca. Melquiades Costa, que há mais de 20 anos vive da atividade pesqueira nos Ingleses, destaca as dificuldades financeiras enfrentadas e agravadas pelos acontecimentos. "Vendemos o peixe serrinha a R\$ 1, enquanto no mercado está mais de oito. A cada dois dias de pesca, eu gasto R\$ 150 com óleo, e ainda querem que eu pague mais de R\$ 40 mil para fazer um rancho dentro dos padrões deles. Estão acabando com a pesca".

Ex-presidente da Associação dos Pescadores do Canto Sul da Praia dos Ingleses, Odilon de Souza, continua batalhando pela pesca artesanal. Ele começou a trabalhar no mar aos nove anos, e em quatro décadas de prática nunca viveu momentos como esse. "Além da gente ter que pagar pelos ranchos, que seriam menores, querem amontoar todos no fundo da praia. Como vamos abrir a rede? Não vai ter espaço com todos um do lado do outro". Odilon também resumiu um sentimento geral da comunidade: "Em Jurerê isso não acontece, aqui a gente é pobre, aí está a diferença".

Apesar disso, a Floram mantém o posicionamento. O diretor de fiscalização ambiental, Bruno Palha, esclarece que o órgão está cumprindo uma sentença judicial no canto sul dos Ingleses. Segundo ele, a ação consiste na retirada das "estruturas", compreendendo restaurantes, ranchos de pesca, marina e quiosques, que foram construídas na restinga ou na orla da praia naquela área.

## Pescadores serão realocados

A Floram deu início à operação no dia 13 de setembro e a conclusão dessa etapa está estipulada para 4 de novembro, informa o chefe de fiscalização ambiental Walter Hachow. O diretor Bruno Palha salienta que foi feito o cadastramento dos 33 pescadores que tinham ranchos na APP e comprovadamente exercem a atividade pesqueira. Esses profissionais serão transferidos para uma área próxima, na qual



Desde o início do processo, há um mês, entulhos de demolições se misturam com a paisagem da praia do canto sul dos Ingleses, no Norte

será permitida a construção de novos ranchos dentro das padronizações impostas pelo Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF).

"Trata-se de uma localidade de frente para o mar, próxima de onde eles estavam, que já sofreu aterros ao longo dos anos", diz Bruno Palha. Ele também destaca que a prefeitura somente está disponibilizando o local para a realocação dos profissionais pois, conforme consta na ação judicial e nos relatórios técnicos, há comprovação da atividade de pesca. Entretanto, a área ainda não está apta a receber edificações, pois ainda está sendo limpa.

Além disso, as despesas decorrentes dos novos ranchos a serem construídos serão de total responsabilidade dos pescadores, sem nenhum tipo de auxílio por parte do poder público. Completadas as etapas de demolição e limpeza, a Floram irá realizar um Plano de Recuperação de Área Degradada (PRAD), para que a vegetação seja revitalizada.

**"EM DOIS DIAS DE PESCA, GASTO R\$150 COM ÓLEO E TENHO QUE PAGAR R\$ 40 MIL NO RANCHO?"**

As associações turísticas de Florianópolis são contra a medida. Para o presidente da Federação de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Estado de Santa Catarina (Fhorese), Estanislau Bresolin, "esse terrorismo demolitório não leva a nada. Não há comprovação de destruição do meio ambiente. Ao contrário, as construções faziam com que as pessoas tivessem um serviço diferenciado naquela localidade". O Fórum de Turismo de Florianópolis (Fortur) e o Floripa Convention Bureau também são contrários à decisão judicial que determina a demolição dos *beach clubs* em Jurerê Internacional.

## Jurerê Internacional

A ação civil pública foi movida pela Associação de Proprietários e Moradores de Jurerê Internacional (AJIN) e o Ministério Público Federal (MPF), em 2008. Em 23 de maio de 2016, o juiz Marcelo Krás Borges, titular da 6ª vara da Justiça Federal em Florianópolis, julgou procedente o pedido. Mas essa decisão foi suspensa um mês após, pela 3ª turma do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4).

A questão gera debate entre os próprios moradores: enquanto a AJIN é favorável à retirada, a Associação de Moradores e Escola de Samba Imperadores de Jurerê é contra. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Mapa neste ano indicou que 92% dos moradores de Jurerê Internacional querem a permanência e funcionamento desses estabelecimentos.

"A lei sobre os terrenos de marinha é antiquada, da época do Império, e já deveria ter sido extinta há muito tempo. A orla pertence às cidades e seus cidadãos", destacou Douglas Ferreira, diretor administrativo e financeiro da Associação de Moradores e Escola de Samba Imperadores de Jurerê.

Douglas também destaca o papel dos *beach clubs* na economia da cidade. "O turismo é um dos principais segmentos, uma atividade complexa que depende e estimula outras áreas adjacentes. O problema é muito sério, não é só Jurerê, é por toda a cidade, por todo o país. Se juízes e legisladores não resolverem este problema, o turismo no Brasil será sepultado por uma onda de demolições".

Já o presidente da Associação de Proprietários e Moradores de Jurerê Internacional (AJIN), Sérgio Rodrigues da Costa, é enfático ao falar da situação. "Área de preservação permanente é área de preservação permanente. Não pode ter construção. A perícia comprova que eles estão em APP. Deixar que permaneçam abre um precedente sério. Isso seria um estímulo para que outras pessoas ocupem esses locais".

O advogado Douglas Dal Monte, representante da Habitasul, a proprietária dos imóveis, afirma que "toda a documentação dos terrenos observou as normas legais vigentes à época". Ele contesta pontos da perícia judicial e garante que a Habitasul não suprimiu vegetação em APP ao implantar postos de praia. Para Dal Monte, a cobertura vegetal da área "se encontra mais preservada do que antes".

Enquanto o impasse continua, os estabelecimentos não devem ser demolidos. Os *beach clubs* entraram com recursos junto ao TRF-4, que ainda precisam ser analisados pelo órgão colegiado. O julgamento está previsto para o dia 8 de novembro.

Carlos Henrique Costa

carloshenriquecostapro@gmail.com

Omar Niekiforuk

omar.niekiforuk@gmail.com

# Vida dos autistas além da rejeição social

Histórias de quem enfrenta o transtorno e se esforça para desmistificar os estereótipos

“Sou autista. Estou à disposição de quem quiser entender melhor sobre o assunto, tirar dúvidas, enfim. É um assunto importante que precisa ser conhecido e discutido. Beijocas”. Foi com essa postagem no Mulheril, um grupo do Facebook, que Gabriella Dias chamou a atenção. A jovem de 21 anos, determinada a falar sobre sua condição, extremamente eloquente, de cabelos curtos e sorridente, não se encaixa no estereótipo de autismo presente no imaginário social.

Após sair de um relacionamento abusivo – 15kg mais magra e em um estado de depressão profunda –, ela passou a ser acompanhada por uma psicóloga que ajudou a entender sua maneira de se relacionar com outras pessoas. Foi desse tratamento que veio seu diagnóstico como autista, há seis anos.

Agora estudante de Medicina da Faculdade Pequeno Príncipe, de Curitiba, relata que na infância, não conseguia usar uma tesoura, não aprendia a matéria passada em aula e nem se relacionava com outras crianças. Para um aluno ingressar na primeira série do ensino fundamental, precisa saber essas duas funções. Como Gabriella não tinha conseguido aprendê-las, a professora sugeriu para sua mãe que a menina estudasse em uma escola “especializada”. Ela recusou, mudou a filha de escola e a ensinou a ler e escrever em casa.

Quando foi diagnosticada com autismo, Gabriella escolheu não contar para as pessoas do colégio em que estudava porque se sentia fora do “comum”. O apoio familiar lhe deu as oportunidades para se desenvolver. A mãe sempre lhe diz que sua capacidade é ela mesma que dita, não os outros. Inspirando-se nisso, Gabriella fez aulas de francês, inglês, japonês, sapateado, canto, piano e teatro.

Foi encenando que ela se encontrou e aprendeu a se expressar melhor. A pessoa com autismo têm pouco controle sobre o próprio corpo e, em momentos de crise, as emoções são exacerbadas, mesmo que não sejam exteriorizadas.

Nessas ocasiões – que podem ser desencadeadas por raiva, ansiedade, tristeza e até felicidade –, Gabriella diz ter características de um autista “clássico”, como se balançar, girar e não deixar que encostem nela. Afirmo que, muitas vezes, a primeira coisa que vem à cabeça das pessoas é abraçá-la, mas isso torna a crise ainda pior. Para o autista, tudo é demais: as cores, os sons, os toques, os cheiros, tudo se mistura.

Gabriella tenta explicar o autismo como aprender a andar de bicicleta.



Gabriella busca espaços para falar do transtorno

Na primeira vez, várias ações simultâneas tem de ser assimiladas: mover as pernas, segurar o guidão, equilíbrio, guiar na direção desejada. Nas próximas vezes, as coisas se tornam automáticas e não é necessário um controle de cada passo. Mas o cérebro do autista não consegue fazer essa simplificação.

A estudante acredita que é preciso acabar com visões estereotipadas sobre o autismo e transtornos mentais, motivo pelo qual escolheu estudar Medicina: “As pessoas não tem noção histórica do que é autismo. Isaac Newton era autista. Tesla era autista!”. E acrescenta que “o autismo é uma

**"QUANDO É QUESTIONADA SOBRE AS DIFICULDADES, SÓ TEM OLHOS PARA O FILHO. IOLANDA SABE QUE MESMO SENDO COMPLICADO PARA ELA, PARA ELE É AINDA PIOR"**

doença social, não mental”. A falta de entendimento sobre os diferentes níveis de autismo afeta as relações sociais de Gabriella, inclusive no curso em que estuda, em que não existe uma aula sobre o transtorno no currículo. Ela diz que por ter um grau mais leve de autismo, alguns não acreditam que ela tenha o transtorno, acham que ela “está inventando”.

Gabriella quer que qualquer pessoa com algum transtorno emocional ou mental saiba que um diagnóstico psiquiátrico não tem capacidade de rotular ou limitar alguém. Para ela, não existem pessoas normais e anormais, apenas pessoas que funcionam de formas diferentes. “Precisamos fazer uma inclusão que realmente funcione e, para isso, temos que parar de olhar para essas pessoas como menos capacitadas do que elas são”.

### Crescimento e aprendizado

Uma em cada 160 crianças possui Transtorno do Espectro Autista (TEA), segundo dados de janeiro da Organização Mundial da Saúde (OMS). Mas algumas pessoas com TEA precisam



História de Cláudio motivou a fundação da AMA

de atenção constante e apoio durante suas vidas. Esse é o caso de Cláudio Garcia Viera

Há 48 anos, em Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, Iolanda Garcia Vieira teve filhos gêmeos. Ela estranhou que um dos meninos não fazia contato visual com ninguém e desconfiou que fosse cego. No oftalmologista, descobriu que a visão do filho era ótima. E se fosse surdez? O otorrinolaringologista disse que a audição dele não tinha problema algum. Aos dois anos e meio, veio o diagnóstico: Cláudio é autista de nível severo. Na época, conta Iolanda, muitas pessoas escondiam seus filhos em casa quando nasciam

com deficiência.

Quase cinco décadas depois, Iolanda conta sua história enquanto Cláudio acaricia e dá carinhosos beijos nos cabelos brancos da mãe. Em torno deles, ao som do violino e do piano, crianças autistas de diferentes idades brincam, dão risada, e choram quando é hora de ir embora. Tudo isso acontece na sala principal da Associação de Pais e Amigos do Autista de Florianópolis (AMA). A associação foi criada por Iolanda há 22 anos e hoje garante, a 72 famílias, atendimento nas áreas de Fonoaudiologia, Psicologia, Neuropsicopedagogia, Musicoterapia, Educação Especial Comportamental e Educação Física.

É difícil encontrar apoio quando um filho é diagnosticado autista, mas quando Cláudio nasceu era ainda pior. Pouco se sabia sobre o transtorno, e Iolanda contava apenas com a ajuda de duas vizinhas, já que morava longe da família. A fonoaudióloga do filho a convenceu, depois de muita relutância, a levar Cláudio na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE). “Tu sentes muita pena de ti mesma, não é?”, foi o que a médica

falou. “Pois venha cá que eu vou te mostrar uma coisa”. Iolanda então foi apresentada a três pequenos irmãos com necessidades especiais, uma situação muito mais complicada que a sua. Nesse momento, entendeu que o caminho ia ser duro, mas tinha que ser feito.

A família se mudou diversas vezes no intuito de encontrar o suporte necessário. Moraram no Rio de Janeiro, em duas cidades do Rio Grande do Sul – Porto Alegre e Rio Grande –, até que pararam em Florianópolis. No início, contava com o apoio de uma médica especializada em autismo e com a Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE), que o filho frequenta até hoje.

O melhor jeito, afinal, foi ir aprendendo sozinha. Cláudio a ensinou suas deficiências e qualidades. Ajuda a mãe nas tarefas domésticas, encontra qualquer coisa que foi perdida dentro da casa com sua incrível memória fotográfica, aprendeu a tear e cria tapetes impecáveis por causa de seu perfeccionismo.

Com os anos, Iolanda também desenvolveu truques para aliviar as crises muitas vezes violentas e autodestrutivas do filho. Em meio a um dos ataques de Cláudio, a mãe usou a paixão dele por roupas para acalmá-lo: sem querer, rasgou um pedaço da camiseta que ele usava. Isso o deixou tão surpreso que abriu espaço para a tranquilidade. A única coisa que a mãe ainda não consegue controlar é a violência com ele mesmo. Quando não gosta de algo, Cláudio acaba se ferindo e até batendo a própria cabeça na parede.

Para Iolanda, o maior desafio é a falta de comunicação com o filho, que a entende muito bem, mas não consegue se expressar. Cláudio já ficou internado por dois dias sem que descobrissem o que tinha. Alguns médicos chegaram a dizer que não era nada; no entanto, a família sabia que ele estava sentindo muita dor. Foi apenas por insistência de Iolanda que os médicos finalmente realizaram uma tomografia, que identificou um cálculo renal.

Com Cláudio, Iolanda aprendeu a viver um dia de cada vez. Sempre que é questionada sobre suas dificuldades, responde que, por mais que seja difícil para ela, é ainda pior para Cláudio. Sente tristeza ao pensar no quanto o filho depende dela. É nessas horas que Iolanda leva Cláudio para passear, os dois sem destino certo, mas conquistando a cada passo a vitória de viver com qualidade. ☺

Fernanda Struecker

fe.struecker@gmail.com

Luiza M. Giombelli

luizamgiombelli@gmail.com

# Uso de anticoncepcionais gera debate

Pílula pode causar aumento de peso, variações de humor, trombose e embolia pulmonar

Francielle Cecília/Zero

No final da década de 50, foi lançado nos Estados Unidos um medicamento chamado Enovid, que tinha o objetivo de regular a menstruação. O que o tornou famoso foi sua contraindicação na bula: poderia causar suspensão temporária da fertilidade. A história do remédio está diretamente ligada à segunda onda do movimento feminista. O medicamento começou a ser usado por causa desse “efeito colateral” e poucas invenções deram tanta autonomia para as mulheres quanto a pílula.

Segundo a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo), estima-se que o anticoncepcional seja utilizado por cerca de 100 milhões de mulheres no mundo. Só no Brasil, são cerca de 11 milhões de consumidoras. Trata-se do método contraceptivo de 27% das mulheres em idade fértil. Não é difícil entender por que a pílula é tão popular: a facilidade de achar em qualquer farmácia ou posto de saúde, o preço acessível e não precisar de prescrição médica fazem do remédio um dos mais utilizados. Os anticoncepcionais são conhecidos por benefícios como a regulação da menstruação, diminuição da acne e auxílio no tratamento de cistos no ovário, além da prevenção da gravidez. Mas há os efeitos colaterais, assim como qualquer outro tipo de medicamento. Entre eles, a diminuição da libido, variações de humor, retenção de líquido e, conseqüentemente, aumento de peso, e até mesmo embolia pulmonar, trombose ou acidente vascular cerebral (AVC).

Os hormônios presentes nos anticoncepcionais orais podem alterar a circulação sanguínea de diferentes formas, aumentando a viscosidade do sangue, a dilatação dos vasos e, assim, a coagulação. É o caso da jornalista Ana Beatriz dos Santos, de 45 anos, que sofreu uma trombose venosa cerebral (TVC). Segundo a neurologista Márcia Tatsch Cavagnollo, a TVC é uma espécie de obstrução no sistema circulatório, causada por coágulos que podem se desprender e parar em órgãos como pulmões e cérebro. Os principais sintomas são dor de cabeça, náuseas e vômito, podendo ocorrer alguma alteração visual. “Mulheres que têm enxaqueca teriam predisposição à trombose”, completa a neurologista.

Ana começou a tomar anticoncepcional aos 22 anos, com o objetivo de regular seu ciclo menstrual após ser diagnosticada com ovário policístico – um distúrbio que interfere no processo de ovulação por conta do desequilíbrio hormonal, levando à formação de cistos. Após uma pausa para sua primeira gravidez, Ana vol-



Pílula tem fator de risco pequeno, já que apenas 200 casos de reações adversas foram notificados pela Anvisa em quatro anos

tou a tomar o contraceptivo sob liberação do seu ginecologista. Foi nesse retorno que sofreu a TVC, durante uma viagem em 2015. Passou 45 dias no hospital, sendo 15 na Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

Ela afirma que não houve nenhuma orientação médica quanto aos riscos do anticoncepcional. “Todas as vezes

mas não parar de utilizá-lo.

Há diversos fatores que podem agravar esse quadro: predisposição familiar, uso de cigarro, composição química do remédio, entre outros. Não há indícios de que as vendas estejam em queda no país. Mas, diferente da revolução que aconteceu em prol do anticoncepcional, hoje, as

mulheres questionam a qualidade do contraceptivo oral e acabam procurando outros métodos para evitar a gravidez indesejada. Não é a primeira vez que isso acontece: nos anos 1970, houve uma queda de 25% nas vendas. Preocupadas com os problemas que o medicamento poderia trazer, as mulheres questionavam se era um risco que valia a pena correr.

Segundo o ginecologista Paulo Pizzolati, a hipófise – glândula cerebral – libera dois hormônios chamados Folículo Hormônio Estimulante (FSH) e Hormônio Luteinizante (LH), que, quando em níveis elevados, estimulam a produção de progesterona e estrógeno, responsáveis pelo funcionamento do ciclo de ovulação. O uso contínuo do remédio altera as taxas hormonais, barrando a liberação do FSH e LH. “O cérebro para de produzir os hormônios da hipófise naturalmente, uma vez que os utilizados nos contraceptivos imitam a progesterona e o estró-

geno, cortando o desenvolvimento dos folículos do ovário, onde ocorre a ovulação”, explica o ginecologista. Pizzolati ainda conta que não existe um método para prever o melhor anticoncepcional, só o consumo determinará se há alguma contraindicação. “O ginecologista precisa orientar a mulher da melhor maneira possível. Se há caso de câncer de mama, de útero, ovário, histórico de trombose ou obesidade na família não é aconselhável tomar a pílula, sugerindo-se outros tipos de contraceptivos”, afirma. “Uma vez que a mulher já apresentou episódio de trombose, ou se tem outras pessoas na família com o problema, é realizado o teste da trombofilia, que consiste num exame de sangue, e pedido para um neurologista fazer a avaliação”, explica Márcia.

Em 2015, a Febrasgo publicou um manual que prevê a segurança na escolha do método contraceptivo. O guia deixa claro que a pílula tem riscos à saúde. Também determina que o fator mais importante para a escolha do anticoncepcional é a opção feita pela mulher, porém, o médico deve levar em consideração o histórico familiar e as características individuais da paciente. Assim, ele pode intervir na escolha do método selecionado e colocar à disposição os outros que existem, explicando suas características, modo de uso, riscos, benefícios e eficácia. ☺

**"TODAS AS VEZES QUE FUI AO GINECOLOGISTA, NENHUM ME QUESTIONOU NADA EM RELAÇÃO À PÍLULA. FALAVAM SÓ DOS BENEFÍCIOS, COMO CONTROLAR AS ESPINHAS"**

que fui ao ginecologista, nenhum me questionou nada relacionado à pílula. Falavam somente dos benefícios, como controlar as espinhas e a questão hormonal, já que minha família tinha histórico de problemas de tireoide”, conta Ana. Como sequelas, ela não pode usar nenhum tipo de contraceptivo hormonal e tem que tomar um anticoagulante – o que a impede de usar o dispositivo intrauterino (DIU) devido ao aumento do sangramento, que poderia levar a uma anemia.

Apesar de ter histórico familiar – sua mãe teve trombose –, Paula Estácio foi aconselhada a tomar a medicação para tratar o problema de ovário policístico, mesmo tendo avisado ao médico sobre sua situação. Depois de três meses de uso, sentiu câimbras constantes na perna, que duraram cerca de dez dias. Após interromper o tratamento e trocar de ginecologista, ela ainda foi aconselhada a mudar a marca do remédio,

mulheres questionam a qualidade do contraceptivo oral e acabam procurando outros métodos para evitar a gravidez indesejada. Não é a primeira vez que isso acontece: nos anos 1970, houve uma queda de 25% nas vendas. Preocupadas com os problemas que o medicamento poderia trazer, as mulheres questionavam se era um risco que valia a pena correr.

Francielle Cecília

franciellehanck@gmail.com

Giulia Gaia

giuliaogaia@gmail.com

# Luz, câmera, ação no cinema catarinense

Produtores de Santa Catarina buscam incentivos para crescer no mercado audiovisual

Uma pequena sala comercial no bairro da Carvoeira, em Florianópolis, é o espaço físico da produtora Quantic. Recém-formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o cineasta Mateus Cadore e mais dois sócios abriram o seu próprio negócio. Atualmente, produzem conteúdos para agências e empresas, mas pretendem investir na área artística e lançar um longa-metragem. “O que nos impede de começar logo é o financiamento. O audiovisual de qualidade é subestimado fora do eixo Rio-São Paulo”, conta Cadore.

Não é só ele que possui essa opinião. O Canal das Bee – canal no Youtube que aborda temas como feminismo e comunidade LGBT – lançou, no último mês, um financiamento coletivo para produzir um curta-metragem. “É importante ocupar todos os espaços dentro da sociedade e, conseqüentemente, nos reconhecer dentro das produções audiovisuais, argumenta Herbet Castro, um dos *youtubers* do canal. Castro afirma que a criação do financiamento coletivo foi a melhor forma que encontraram para conseguir os recursos necessários. “Muitas empresas ainda não conhecem ou não têm confiança suficiente para investir em grandes projetos com novos e pequenos produtores, que ficam a mercê dos meios alternativos de produção”, completa.

“No setor artístico, a dificuldade do financiamento público é o sistema de pontos da Agência Nacional de Cinema (Ancine) que favorece as maiores produtoras. E, no privado, ainda são poucas as empresas que entendem a importância da divulgação da marca através do apoio à cultura”, complementa Cadore, que, por enquanto, só trabalha com financiamento privado ou investimento próprio. Por conta disso, sua produtora ainda não rende lucros. “A gente até que não perde dinheiro, mas também não ganha”, conta ele. Sua crítica à Ancine se deve ao fato de que, no sistema da agência, a quantidade de dinheiro que um produtor pode pedir depende de quantas obras já foram desenvolvidas por ele. Assim, os iniciantes acabam ficando ainda mais fora do mercado.

Mesmo que as dificuldades sejam notáveis, o cinema em Santa Catarina já foi mais deficitário. Zeca Pires, cineasta e documentarista natural do estado, começou a cursar Jornalismo na UFSC porque não havia uma graduação específica de Cinema na instituição. Contudo, foi dentro do curso que Pires encontrou colegas que também queriam produzir filmes. Juntos, fundaram a Cinemateca Catarinense, o Fundo Municipal de Cinema de Florianópolis (Funcine) e a graduação



Bastidores do filme catarinense *A Antropóloga*, dirigido por Zeca Pires e filmado na Costa da Lagoa

de Cinema da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul).

Pires afirma que a criação de leis municipais impulsionaram muitas produções e que, ao seu ver, a maior falha do sistema hoje é alcançar o público. “A prefeitura e o estado poderiam dar mais visibilidade para o acervo que foi custeado pelo povo. Depois que o filme já teve sua trajetória em festivais e televisão, deveria ser disponibilizado na rede gratuitamente para o público”. Cadore pensa de forma semelhante, e o projeto do seu longa-metragem já tem destino: a internet. “Queremos liberar no Youtube, sem cobrar nada de quem assistir. Por que não usar este meio para atingir um público de milhares, talvez milhões de pessoas? Inclusive por ser muito mais barato do que seria o custo de tanto alcance na publicidade comum”, argumenta.

## “OS AUDIOVISUAIS SÃO SUBESTIMADOS FORA DO EIXO RIO-SÃO PAULO”

Além da possibilidade de conseguir uma grande audiência, Cadore cita a liberdade criativa como uma das vantagens que a internet proporciona. Herbet Castro, veterano na produção de vídeos para o meio on-line, concorda: a liberdade na rede é o que alimenta o seu trabalho. Desde que surgiu no Youtube em 2012, o Canal das Bee se tornou referência quando o assunto é diversidade e hoje possui quase 280 mil inscritos. Já com o curta-metragem, a intenção é debater temas como violência contra os LGBTs, para auxiliar o público que está nessa situação, de forma gratuita e de fácil acesso.

A Netflix anunciou recentemente os vencedores do 2º Prêmio Netflix no Brasil, premiação que incentiva a divulgação de conteúdo nacional para o mundo. Eram dez filmes disputando

a preferência dos internautas e também os votos de um júri selecionado. Entre estes, dois – *O Último Cine Drive-In* e *Ventos de Agosto* – foram escolhidos para serem veiculados em 190 países onde o site de *streaming* está presente.

O chefe de conteúdo da Netflix, Ted Sarandos, contou que, desde a estreia do serviço em território nacional, há cinco anos, tem investido em licenciamento de títulos brasileiros, assim como exportando talentos locais para o mundo em produções originais. Sarandos afirma que 45% dos assinantes fora da América Latina já assistiram a conteúdos da região, o que mostra como produtores ganham exposição global através do *streaming*.

Dentro do próprio estado, existe o Prêmio Catarinense de Cinema, iniciativa da Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte (SOL) e a Fundação Catarinense de Cultura (FCC). O presidente da FCC, Joceli de Souza, explica que o projeto pretende levar a produção cinematográfica feita por catarinenses para todas as regiões do estado. Na edição de 2015, o edital do prêmio contava com mais de R\$ 3 milhões distribuídos entre as categorias de documentário, curta e longa-metragem.

E é assim, dentro deste cenário ainda um tanto caótico, que produtores locais buscam incentivos para crescer no mercado nacional e mundial. “O cinema passa essa imagem de glamour e muita gente se interessa. É só quando começam a trabalhar na área que veem que não é fácil”, comenta Zeca Pires, respondendo à entrevista para esta reportagem ao mesmo tempo em que comandava a edição do seu próximo documentário. ☺

Lúcio Flávio/Divulgação

Ronaldo Fontana/Zero



É fundada a Cinemateca Catarinense, com o intuito de pesquisar, produzir, formar, difundir e preservar filmes. É a mais antiga entidade representativa dessa classe do Estado.



É criado o Fundo Municipal de Cinema (Funcine) voltado ao fortalecimento do cinema e audiovisual em Florianópolis.



O Núcleo de Documentação Audiovisual (NDA) da FCC existiu entre 1989 e 1998. Um laboratório fotográfico em preto e branco que promovia cursos, exibia filmes e registrava eventos e projetos especiais.



O Museu de Imagem e Som de Santa Catarina surgiu para dar continuidade às atividades realizadas pelo NDA, como incentivar e executar ações culturais no campo da comunicação audiovisual.



Surge a habilitação de Cinema e Vídeo no curso de Comunicação Social da Unisul, unidade Pedra Branca.



É criado o curso de graduação em Cinema na Universidade Federal de Santa Catarina.



Com o novo projeto pedagógico, a habilitação de Cinema e Vídeo da Unisul passa a ser o curso de Cinema e Realização Audiovisual.



O curso de Cinema e Audiovisual da Unisul é considerado o segundo melhor do Brasil na avaliação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Ana Carolina Inácio

anaciniaciopassos@gmail.com

Camila Valgas

camilameliciavalgas@gmail.com

# Montado no trabalho escravo

Com a ajuda de sites especializados, repórter tentou ficar 15 dias sem produtos feitos com mão-de-obra irregular

**M**inha jornada para viver sem trabalho escravo começou quando eu soube de uma informação perturbadora: nunca houve tantos escravos no mundo quanto hoje. Atualmente, cerca de 30 milhões de pessoas são submetidas a algum tipo de trabalho forçado. No entanto, diferente da escravidão dos tempos colonialistas, os escravos modernos não trabalham na minha casa, mas em alguma mina de cobalto no interior do Congo.

A escravidão moderna é muito mais complexa que a dos séculos passados: mão-de-obra infantil – ainda que paga – é considerada escrava, e é muito comum em plantações de cacau, por exemplo. Isso também vale para trabalho por dívida, quando uma pessoa usa quase integralmente seu salário para pagar moradia. Existem casos em que é preciso quitar uma “taxa de contratação”. Escravidão também inclui, é claro, o famigerado tráfico de pessoas, financiado principalmente pela indústria da prostituição. Mas a principal forma de ter escravos atualmente continua sendo a praticada nas indústrias chinesas. Lá um trabalhador não recebe o mínimo para que possa subsistir e, por vezes, tem jornadas exaustivas de até 16 horas por dia.

Fui consultar o [slaveryfootprint.org](http://slaveryfootprint.org), que diz quantos escravos trabalham para você e, no meu caso, eu tinha surpreendentes 26 a meu serviço. Por causa disso, decidi dar início ao meu experimento: viveria duas semanas sem trabalho escravo. Sem tênis feitos no Camboja. Sem chocolate com cacau do Quênia. Sem manufaturados do Brás. Comecei pesquisando tudo o que eu poderia consumir e também o que eu não poderia. Fiz uma pequena lista em papel, com uma linha no meio. De um lado, estava o que eu teria de tirar da minha vida: roupas da China e um cuidado especial com eletrônicos como celulares e computadores. A lista continuava: borracha da Libéria, mercadorias feitas no Peru e qualquer coisa produzida no Uzbequistão. Fiquei até mesmo sem jogar meu Xbox One, que, assim como todos os videogames de última geração, era manufaturado numa fábrica chinesa com um histórico de arrepiar o cabelo.

Tive uma ideia da dificuldade que seria me abster do trabalho escravo logo no primeiro dia, quando saí de casa e percebi que não tinha levado em consideração uma pulseira que usava, feita na China. Embora existissem muitas fábricas chinesas que respeitassem os direitos básicos dos seus funcionários, produtos feitos lá ainda tinham um risco alto.

Aliás, risco foi uma palavra que ganhou muita importância na minha vida. Antes de começar essa vivência, eu achava que seria tão simples quanto a dieta sem glúten que eu adotei há algum tempo, em que bastava ler o rótulo dos produtos que eu comprava. O problema é que nenhuma empresa faz uma etiqueta escrito “feito com o trabalho forçado de dois cambojanos”, por razões óbvias. Então, toda a minha rotina de consumo deveria ser baseada em quanto risco alguns produtos tinham.

Até existem empresas que garantem produtos 100% éticos, tanto ambiental quanto socialmente. A ONG Fair Trade Movement fez uma lista de

produtos que eles recomendam. E, embora a iniciativa seja fantástica, nenhuma das companhias listadas tem filial no Brasil, o que acaba deixando os preços inacessíveis. Se eu quisesse comprar um sapato da Nisolo, por exemplo, gastaria precisos R\$ 669,91 mais o frete até a minha casa. Sim, produtos 100% livres de escravidão ainda são artigos de luxo. Além disso, empresas que garantem que não usam este tipo de mão-de-obra não tem aumento de vendas, como acontece com aquelas que se declaram ecologicamente corretas.

Tive que fazer uma limpeza no meu guarda-roupa. Separei tudo o que tivesse um risco alto e fiquei com mais ou menos metade das minhas roupas. A mesma coisa aconteceu com os eletrônicos. Para eles, usei uma classificação da ONG Baptist World Aid Australia, que deu notas sobre as condições de trabalho de várias gigantes da tecnologia. Meu celular da LG era B-, a mesma nota do meu *notebook* da Dell, o que era considerado aceitável. Já alguns alimentos, como o chocolate, que eu tinha mais dificuldade de saber de onde vinham, acabaram saindo da minha dieta.

**“NENHUMA EMPRESA FABRICA UMA ETIQUETA ESCRITO ‘PRODUZIDO COM TRABALHO FORÇADO’, POR MOTIVOS EVIDENTES”**

Procurei me focar no que eu poderia consumir e o guia da [endslaverynow.org](http://endslaverynow.org) me ajudou a escolher alguns produtos com risco menor. Tive algumas surpresas agradáveis no meio do caminho. A Intel, uma das maiores fabricantes de processadores do mundo, contratava pessoas para fiscalizar os próprios fornecedores, prática que também era feita pela Puma e a Belkin, a empresa que fabricou minha mochila. Embora trabalho escravo ainda seja raramente discutido, a pressão dos consumidores fez com que algumas marcas se preocupassem com isso.

No mais, surpreendi-me com o fato de a minha vida sem trabalho escravo ter mudado pouco. Eu acabava repetindo algumas peças de roupa com mais frequência e levava meu *notebook* para todos os lugares, para não usar computadores que eu não sabia de onde vinham. No entanto, nenhuma mudança mais brusca. Eu podia continuar falan-



Os sites [slayerfootprint.org](http://slayerfootprint.org) e [endslaverynow.org](http://endslaverynow.org) são bom suporte para quem quer consumo consciente

do no celular, acessando a internet e fazendo tudo que alguém da minha idade fazia.

A minha metodologia, é claro, tem falhas. Comprar produtos com menos risco, por exemplo, não significa que algo que eu estava usando não tinha trabalho escravo. Durante essas duas semanas, por exemplo, eu estive usando roupas da Renner, uma marca que já teve problemas relacionados a trabalho escravo. Apesar de a empresa tomar precauções e só comprar de manufaturas que tem um selo da Associação Brasileira de Varejo Têxtil (ABVTEX), a Renner já teve problemas com uma confecção de São Paulo.

## Um pouco de história

O mais antigo movimento de boicote ao trabalho escravo foi uma criação dos Quakers. Os colonos simpáticos, que emprestaram o nome para uma famosa marca de aveia, tem uma tradição de pacifismo. Eles deram início ao que foi chamado de *free produce movement* (movimento da produção livre), que era um boicote à qualquer produto ou empresa que fizesse uso de trabalho escravo. O movimento ganhou força quando Levi Coffin, um empresário e abolicionista, percebeu que uma loja de produtos feitos apenas por homens livres poderia ser um negócio lucrativo. Isso ajudou a criar a cultura de que era possível combater o tráfico de escravos e continuar consumindo os mesmos produtos, desde que houvesse a preocupação em saber de onde veem as coisas que

# Consumindo pessoas

## Videogames

Todos os consoles modernos são produzidos em uma mesma fábrica na China, que tem histórico de violações trabalhistas

## Cannabis

Como é ilegal, é impossível saber a origem da erva, mas em alguns casos, ela é plantada em condições irregulares.

## Chocolate

Chocolates, principalmente os importados, costumam ter cacau plantado com trabalho infantil

## Pilhas e metais

Os metais que têm origem no Congo, como cobalto e ouro, geralmente são extraídos por escravos e comercializados por grupos armados

## Camisetas

Produtos manufaturados em países como China e Bangladesh costumam ter um risco alto de serem produzidos com trabalho escravo

## Bonés

Mesmo caso da camiseta. Quase todas as roupas e acessórios de grandes marcas são feitos na China, tendo grande risco de serem produzidas com trabalho escravo.



Montagem: Frederico S. M de Carvalho

## O que dizem as empresas?

A Renner declarou que não compactua com a utilização de mão-de-obra irregular em qualquer etapa de produção dos itens que comercializa. Em 11 de novembro de 2014, a empresa foi notificada pelo Ministério de Trabalho e Emprego (MTE) sobre irregularidades na contratação de imigrantes pela Oficina de Costura Letícia Paniágua Verdugues, que prestava serviços para dois fornecedores. A Renner afirma que, no mesmo dia, notificou seus fornecedores para regularizar a situação dos empregados.

Apple e a Microsoft não responderam até o fechamento desta edição.

os materiais necessários para fazer um computador ou um telefone e, assim, conseguem gerar informações sobre o risco de milhares de produtos. O *software* vem sendo aprimorado há seis anos, e pode ser usado até por grandes indústrias que trabalhem com milhões de itens. Com um banco de dados dessa qualidade, grandes corporações não podem mais usar a desculpa de que não têm como saber de onde vêm as suas matérias-primas.

Mas fica a pergunta: se é fácil investigar a linha de produção, por que produtos “100% livre de trabalho escravo” ainda são tão raros? Por vários motivos. Principalmente, a competitividade do mercado, que leva empresas a procurarem matérias-primas cada vez mais baratas, sem se preocuparem com a sua origem. Ainda assim, a Baptist World Aid estima que o aumento no preço dos produtos seria de apenas 1,5% se os trabalhadores recebessem uma quantia justa.

Para a assessora de comunicação da Made In a Free World, Karyn Okazaki, geralmente, as empresas não tomam uma atitude por que não são devidamente cobradas pelos seus clientes. “A maioria das pessoas acredita que a escravidão acabou há mais de um século e se surpreende quando ouve falar no assunto. E a maioria de nós, em geral, acaba não entendendo a gravidade do problema, porque não precisa ver as crianças coletando os minérios que estão nos produtos que consumimos diariamente”.

consumimos todo dia.

Do outro lado do Atlântico, na Inglaterra, o movimento abolicionista tinha uma certa semelhança com a situação atual: eles também viviam muito longe de onde as pessoas são escravizadas. E assim como nós, consumiam quase que diariamente algo que tivesse trabalho escravo. Na ocasião, o movimento abolicionista começou a comprar apenas açúcar que viesse da Índia – produzido por trabalho livre –, em vez do Caribe – onde era feito com trabalho escravo. Tiro e queda: com o passar do tempo, as vendas de açúcar caribenho despencaram, e as lojas passaram a vender apenas o indiano.

Depois de semanas lendo sobre as péssimas condições de trabalho ao redor do mundo, comecei a ficar paranoico, sempre pensando na origem daquilo que eu consumia. Se por um lado, eu conseguia ficar sem comprar nada feito diretamente com trabalho escravo, a origem das matérias-primas me deixava inculcado. Eu não faço ideia de qual a procedência do açúcar que existe no café que eu estou tomando agora ou de onde vem o ferro do parafuso que mantém minha cadeira presa. Nosso movimento abolicionista moderno tem uma séria desvantagem em relação ao da Inglaterra de 200 anos atrás. Em um mundo de relações globalizadas, o que eu descobri vivendo (ou tentando viver) sem trabalho escravo é que fazer um boicote eficiente é quase impossível. Um mesmo carro pode ter os freios da Índia, as partes plásticas da Turquia e o para-choque do Vietnã. Não é raro encontrar produtos com origem em nove países diferentes e investigar isso não é só difícil, é, muitas vezes, impossível.

## Abolicionistas modernos

Embora eu não conseguisse fiscalizar a cadeia de fornecimento de cada item que eu comprava, esse não é um serviço tão difícil para as empresas. A equipe da ONG Made In A Free World contou com a ajuda de Mira Bernstein, doutora em matemática de Harvard, para desenvolver um *software* que cruza dados de quais países vendem,



Fazer um boicote eficiente à empresas relacionadas ao trabalho escravo é quase impossível na atualidade

por exemplo, minério de ferro, e quais compram isso. Em seguida, colocam na equação quais são

Daniel Santos

danielss8787@gmail.com

Leia o QR Code para conferir o conteúdo online desta reportagem nas redes sociais do Zero.



# Afaste o seu padrão da minha beleza

Transição capilar busca quebrar padrões associados a preconceitos raciais e de gênero

Como a maioria das meninas descontentes com seus cabelos, Larisse Pontes, de 29 anos, recorreu à química muito cedo. Fez seu primeiro alisamento em casa aos dez anos de idade. Durante 13 anos, perdeu dias inteiros em salões, passando por procedimentos exaustivos, usando produtos que feriam a pele, presa à escova e à chapinha. O cansaço desta rotina e a curiosidade em se lembrar de como era seu cabelo natural fizeram com que ela resolvesse abandonar os tratamentos químicos e entrar no processo de transição capilar. Hoje, seis anos depois, com a transição completa, a curiosidade deu lugar à autoaceitação.

Antropóloga que estuda a transição capilar desde 2013, Larisse aponta que a falta de referências em casa contribuiu para que a criança passe a se identificar com padrões impostos por influências externas, principalmente de veículos de comunicação. Lecionando na educação infantil, ela enxerga nas meninas o mesmo comportamento que adotava quando tinha aquela idade. “Tenho uma aluna de seis anos que faz a mesma coisa que eu fazia quando era criança: ela pega um vestido, um lenço, coloca na cabeça e fica balançando, dizendo que é o cabelo. Porque o cabelo crespo não traz a ideia de movimento”.

A imposição dos padrões de beleza traz problemas de autoestima e aceitação pessoal. Além disso, tem uma carga histórica para as pessoas negras. Larisse explica que, no período escravocrata, muitos negros tiveram seus cabelos raspados antes de entrarem nos navios negreiros. Privá-los do cabelo era uma forma de acabar com qualquer tipo de pertencimento cultural daqueles povos.

A professora também fala da imposição de padrões dos concursos de beleza. A paranaense Raíssa Santana, Miss Brasil 2016, foi a segunda ganhadora negra da história do concurso, que existe desde 1954. A gaúcha Deise Nunes foi a primeira, em 1986, 30 anos antes. “Existe um padrão de beleza que nega a possibilidade de ser belo quando se é negro”, diz Larisse. “E o fato de as pessoas acharem fútil tratar um tema como esse, ou como a transição capilar, acaba colaborando com a ideia de que a gente teve a vida inteira a autoestima negada”.

## Não é um conto de fadas

Quando Larisse decidiu passar pela transição, havia pouca informação, mesmo na internet, que hoje é o principal meio de disseminação de conhecimentos sobre o tema. O cabelo crespo era usado como forma de luta política desde a década de 1960, mas só em 2012 o fenômeno ganhou nome e teve maior adesão.

Ela fez o que as pessoas em transição chamam de BC ou *Big Chop* (grande corte), usado para tirar toda a química

de uma vez. As mulheres que passam pelo BC costumam adotar um corte bem curto, o que pode ser uma experiência problemática para quem sempre teve cabelo comprido. “Na primeira semana, eu não queria sair de casa porque não sabia nem arrumar o cabelo. Hoje, você tem muita informação de blogs e de pessoas que passaram pela experiência. Mas, para quem pegou isso no começo, era tudo muito novo”. O cabelo curto também remete a uma imagem masculina, ou, como explica Larisse, a uma forma “de eliminar qualquer feminilidade estética”. Isso faz com que muitas mulheres prefiram esperar o cabelo crescer por um ano ou mais, submetendo-se ao contraste entre as duas texturas, a recorrer ao Big Chop.

## Do jeito que eu quiser

Foi pela dificuldade que sentiu para cuidar dos próprios cachos que a consultora Alessandra Carelli resolveu abrir um salão especializado. “Eu ia a várias cabeleireiras e todas diziam que eu tinha cabelos difíceis de cuidar. Hoje, provo o contrário para as clientes no nosso espaço”. Das 15 mulheres que atende por dia, pelo menos um terço está ou já esteve em transição capilar. O trabalho dos profissionais do Studio dos Cachos é melhorar a confiança, para que elas entendam a beleza de seus cabelos. Pela experiência de Alessandra, a baixa autoestima associada aos cachos está relacionada a não saber tratá-los da maneira adequada, mas o conhecimento faz com que se aprovelem em seus visuais naturais e se sintam felizes por não estarem presas a um padrão.

Lidiane Serafim, estudante de Fisioterapia, acredita que “a pessoa tem que se gostar, independente de querer alisar, raspar, enrolar ou ter cabelo cacheado. Coloquei na cabeça que, com meu cabelo, posso fazer tudo”. Diz que, depois de ter usado química dos 16 aos 23 anos, a principal conquista que a transição trouxe foi a autoaceitação. Depois de uma alergia no couro cabeludo e no rosto por causa do formol, decidiu que preferia cuidar de seu cabelo naturalmente cacheado a viver com a pele cheia de feridas.

Mas admite não ser fácil lidar com o preconceito que as pessoas costumam demonstrar. Em março deste ano, participou de um processo de seleção para a vaga de recepcionista em um salão de dança. As entrevistas eram em dupla, e, para ela, ficou clara que a preferência foi pela concorrente de cabelo liso. “Ela olhou para o meu cabelo, para os meus cachos, fez um ‘raio X’. O que ela estava pensando? ‘Até parece que eu vou dar a vaga de recepcionista, a primeira pessoa que o cliente vai ver, para uma negra de cabelo enrolado’. Assim a gente vê como a imagem reflete em uma vaga de emprego. Elas dão o tapa e escondem a mão”.



Lidiane se inspirou pelas redes sociais



A transição de Priscilla a transformou

Isso, porém, não fez com que se arrependesse da decisão. “Se for para alisar ou usar o cabelo cacheado, que as pessoas façam o que acharem melhor para elas. Questão de aceitação, autoestima, não por padrão de beleza”.

Esse é também o pensamento de Priscilla dos Santos, estudante de Engenharia de Alimentos, que, apesar de ter adotado o uso de química aos 16 anos, já alisava em casa desde os 12. A praticidade foi o principal motivo para mudar a aparência, mas, depois de um tempo, começou a não se reconhecer mais. Com a transição capilar, veio a descoberta de que estar bonita é se sentir confortável consigo mesma.

Outra coisa que mudou foi o se reconhecer negra. Ela acredita que o fato de ter a pele mais clara e de estudar em colégios onde a maioria das pessoas era branca não permitia que se visse dessa forma. “Comecei a perceber problemas que as meninas ao meu redor não tinham. E não só do ponto de vista do cabelo”. Morar no estado mais branco do Brasil também dificultou a aceitação — segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 83,7% da população de Santa Catarina é branca, apenas 15,7% é negra ou parda.

Assumir os cachos é uma ação que mobiliza não apenas a mulher em transição, mas as pessoas que convivem com ela e veem um exemplo de como lidar com pressões sociais. Priscilla conta que, quando começou a usar química, a mãe também cedeu ao alisamento. Agora, ao ver a filha se aceitando, resolveu voltar ao natural. “É difícil ser mulher. Você é bombardeada. Os meios de comunicação, a roda em que está, a festa que frequenta. Você se sente um peixinho fora do aquário. Mas é bom ser um peixinho fora do aquário. O diferente é maravilhoso”.

## Imposição começa cedo

Mas não são apenas as pessoas negras que sofrem por imposição de padrões de beleza. Depois de muitas tentativas, a estudante de Jornalismo Andressa

Santa Cruz quis acelerar o processo e optou pelo BC. Na infância, usava o cabelo sempre preso, porque era a única menina da escola que ainda não havia passado por nenhum tratamento químico. Vendo-a sempre se esconder com o penteado, a avó resolveu levá-la ao salão e mandar fazer progressiva, sem que a mãe de Andressa soubesse. “Eu nem tinha consciência do que estava acontecendo. Com 12 anos, só sabia que o meu cabelo ia ficar bonito, sedoso. Que minhas amigas tinham cabelo liso porque as mães levaram ao salão desde cedo, e eu não tinha”.

Até decidir voltar aos cachos, aos 20, ela sofreu com os efeitos do formol: horas em frente ao ventilador para diminuir a falta de ar, olhos irritados, couro cabeludo descascado e queda capilar. Sem contar as privações para não “estragar o cabelo”, como entrar na piscina ou ir à praia. Depois de começar a universidade e ter contato com o movimento feminista, Andressa ganhou autoconfiança e deixou de se prender ao padrão “loira, branca, de cabelo liso”.

Quando raspou a cabeça, não contou a ninguém. O medo de não ser aceita fez com que adiasse várias vezes a decisão, mas aconteceu o contrário. As pessoas associavam a ação à coragem, o que era uma ideia estranha para ela, que não se sentia corajosa por ter perdido oito anos por causa da pressão social. A maior dificuldade foi tentar se encaixar em um padrão de beleza, porque a imagem de uma mulher careca é sempre associada ao budismo ou ao câncer. Quando pegava ônibus, os passageiros ofereciam o lugar para ela, achando que tinha a doença, principalmente quando ela usava boné ou lenço para proteger a cabeça do sol.

Hoje, em transição capilar, com os cachos ainda curtos, Andressa reduziu os gastos para cuidar do cabelo. “Eu chegava a gastar R\$ 2 mil por ano com os procedimentos. Agora, um frasco de xampu pode durar seis meses”.

Monique Souza

niqueesouza@gmail.com